

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**LEONARDO DE SOUSA VALVERDE**

**O PROBLEMA DAS VIOLÊNCIAS ESCOLAR E SUA DIVULGAÇÃO NOS JORNAIS IMPRESSOS DE  
FLORIANÓPOLIS/SC**

**Florianópolis**

**2016**

**1**

**LEONARDO DE SOUSA VALVERDE**

**O PROBLEMA DAS VIOLÊNCIAS ESCOLAR E SUA DIVULGAÇÃO NOS JORNAIS IMPRESSOS DE  
FLORIANÓPOLIS/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola  
(GDE).

Orientadora; Profa. Dra. Juliana Cavilha Mendes Losso.

**Florianópolis**

**2016**

---

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Valverde, Leonardo de Sousa  
O PROBLEMA DAS VIOLÊNCIAS ESCOLAR E SUA DIVULGAÇÃO NOS  
JORNAIS IMPRESSOS DE FLORIANÓPOLIS/SC / Leonardo de Sousa  
Valverde ; orientadora, Juliana Cavilha Mendes Losso -  
Florianópolis, SC, 2016.  
65 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 3. Violência. 4. Escola. 5.  
Jornais. I. Losso, Juliana Cavilha Mendes. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e  
Diversidade na Escola. III. Título.

LEONARDO DE SOUZA VALVERDE

O PROBLEMA DAS VIOLÊNCIAS ESCOLAR E SUA DIVULGAÇÃO NOS  
JORNAIS IMPRESSOS DE FLORIANÓPOLIS/SC

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

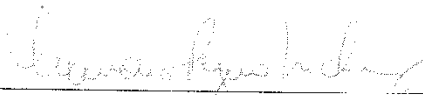
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

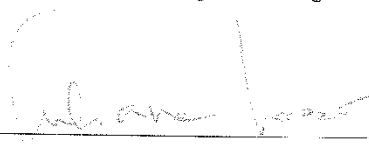


Olga Regina Zigelli Garcia

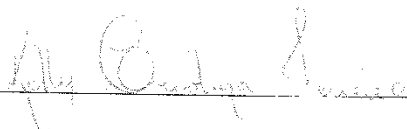
Banca Examinadora:



Claudia Regina Nichnig



Juliana Cavilha Mendes Losso



Kelly Cristina Teixeira



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe pelos incentivos e por me ensinar ser quem eu sou.

A minha orientadora professora Juliana Cavilha Losso, pelas suas críticas, paciência e incentivos.

A todos os alunos e alunas da pós-graduação, e de uma forma especial aos integrantes da turma Ângela Davis.

Aos professores e professoras que fizeram parte da pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola.

A Cinthya pelo carinho e por todos os momentos felizes.

A Andresa de Farias e a Luan Farias, pela colaboração nas pesquisas dos Boletins de ocorrência.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da reorganização da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a todos os profissionais que sofrem sistematicamente os mais diversos tipos de violências em seu espaço de trabalho.*





## **RESUMO**

Este trabalho tem como tema a violência praticada no ambiente escolar de Florianópolis/SC por meio da mídia impressa. Se propõe a entender suas características e recorrência nas dinâmicas da escola e como ela se produz e reproduz. Perceber quais são as principais violências praticadas no ambiente escolar e se há divulgação nos jornais também se apresenta como um objetivo. A pesquisa se concentra em dois jornais que circulam na capital catarinense, Diário Catarinense e Notícias do Dia durante o ano de 2013. Também foram pesquisados os Boletins de Ocorrência registrados na 6ª Delegacia Policial de proteção à mulher e ao menor.

Palavras-chave: Violência, Jornais, Escola.

## **ABSTRACT**

This article has as subject the violence practiced in the school environment of Florianópolis/SC through the printed media. It is proposed to understand its characteristics and recurrence in the school condition and how it is produced and reproduced. To understand the main violence practiced in the school environment and if there is publicity in the newspapers is also presented as a goal. The research focuses on two newspapers that circulate in the capital of Santa Catarina, DiárioCatarinense and Notícias do Dia over the year 2013. Also investigated were the Bulletins of Occurrence registered at the 6th Police Station for the protection of women and the child.

Key-words: Violence, Newspaper, School.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Gráfico de ocorrências segundo definição dos boletins de ocorrência	60
--	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de ocorrências segundo definição dos boletins de ocorrência	60
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACT - Admitidos em Caráter Temporário.

BO – Boletim de Ocorrência.

DC- Jornal Diário Catarinense

DP- Delegacia de Polícia.

GDE – Gênero e Diversidade na Escola.

ND- Jornal Notícias do Dia

RBS – Rede Brasil Sul de Comunicações

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>VIOLÊNCIA ESCOLAR</b>	<b>26</b>
<b>2.3</b>	<b>TIPOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA</b>	<b>27</b>
<b>2.3.1</b>	<b>AMEAÇAS</b>	<b>28</b>
<b>2.3.2</b>	<b>BRIGAS</b>	<b>28</b>
<b>2.3.3</b>	<b>VIOLÊNCIA SEXUAL</b>	<b>29</b>
<b>2.3.4</b>	<b>ARMAS NAS ESCOLAS</b>	<b>30</b>
<b>2.3.5</b>	<b>ROUBOS E FURTOS</b>	<b>30</b>
<b>2.3.6</b>	<b>VIOLÊNCIA CONTRA A ESCOLA</b>	<b>31</b>
<b>2.3.7</b>	<b>VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL</b>	<b>32</b>
<b>2.3.8</b>	<b>A VIOLÊNCIA POLICIAL NA ESCOLA</b>	<b>33</b>
<b>3</b>	<b>POR UMA NOVA HISTÓRIA: A IMPRENSA COMO FONTE E FONTES JUDICIAIS</b>	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>COLETA DE DADOS</b>	<b>38</b>
<b>5.1</b>	<b>A PESQUISA NA BIBLIOTECA PÚBLICA</b>	<b>38</b>
<b>5.2</b>	<b>UMA EXPERIÊNCIA NOVA: PESQUISAR NA DELEGACIA</b>	<b>39</b>
<b>6.</b>	<b>O QUE É VEICULADO NOS JORNAIS SOBRE VIOLÊNCIAS ESCOLAR?</b>	<b>43</b>
<b>6.1</b>	<b>QUAIS FORAM OS JORNAIS PESQUISADOS E UMA BREVE HISTÓRIA DA SUA EXISTÊNCIA.</b>	<b>43</b>
<b>6.2</b>	<b>AS NOTÍCIAS VEICULADAS NOS JORNAIS</b>	<b>47</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>61</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>63</b>
	<b>REFERÊNCIA DAS FONTES PRIMÁRIAS</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quase formado em História pela UDESC, fui para lecionar no Colégio Estadual Venceslau Bueno. Este se encontra bem no centro do município de Palhoça. Fui contratado em regime de ACT<sup>1</sup>. Lecionaria 40 horas semanais para turmas da sexta e oitava série. Fui contratado pois a professora titular estava de licença saúde<sup>2</sup>. Fiquei feliz, pois poderia atuar na área profissional que tinha escolhido. Gostei da ideia de assumir os riscos de substituir uma professora que já estava na escola por muito tempo. Ela era formada em História e era professora do Estado já alguns anos.

Como não era a primeira oportunidade que eu iria lecionar, o choque do primeiro dia foi mais leve. Conheci algumas das turmas e a estrutura da escola. Fui bem recebido pelos colegas de profissão, muitos eram professores contratos como eu, e claro havia os professores concursados que eram efetivos no Estado, estes já tinham longo tempo no magistério e na própria escola. Os alunos e alunas me receberam do mesmo modo. Ficaram contentes por ter um professor novo na escola.

Já de primeiro momento percebi que a escola era bem organizada, a estrutura física esta em bom estado. O prédio onde se localiza a escola é uma construção antiga, histórica, mas há também uma parte mais nova. Na parte histórica ficava a Direção, secretaria escolar, coordenação e sala dos professores. Havia também salas de aula nesta parte do prédio. Na área construída mais recentemente, havia um número maior de salas de aula e a biblioteca estava nesta parte também. Apesar de ter um maior número de aulas na parte nova, sempre gostei mais de lecionar nas salas da construção antiga. Portas e janelas antigas, chão de madeira, paredes grossas e quadro com giz me agradavam mais.

A equipe técnica-pedagógica, orientadores e direção, por exemplo, eram bem atuantes e tinham bom relacionamento com alunos e professores. Esta interação é fundamental para o desenvolvimento do trabalho do professor e também para o aluno, já que o processo de ensino

---

<sup>1</sup> ACT: São os professores Admitidos em Caráter Temporário. Essa forma de contratação é muito frequente tanto no Estado quanto nas prefeituras de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Há que se ressaltar que é muito frequente casos desta natureza, visto que a profissão de professor apresenta alto índice de doenças relacionadas à atividade laboral.

aprendizagem é complexo e prolixo. Sendo assim, tem que haver um trabalho multidisciplinar e transversal no ambiente escolar.

Visto que era uma escola de educação fundamental, as aulas eram somente no período diurno (manhã e tarde), sendo assim poucos alunos trabalhavam e não havia alunos e alunas na mesma sala com uma diferença de idade muito discrepante. Todos e todas eram adolescentes. Havia um pequeno número de repetentes, que infelizmente, alguns voltariam a reprovar no final do ano.

Nas primeiras semanas, creio que a novidade de ter um novo professor animou os alunos, as aulas transcorreram com certa tranquilidade. Conseguia controlar a disciplina em sala, propunha atividades em grupo e os alunos respondiam dentro de uma capacidade esperada e sempre que eu falava que iria pedir para alguém sair da sala por estar atrapalhando o andamento da aula, este e a turma logo se acalmava. Sendo assim, tinha o controle da disciplina e o andamento das aulas sobre controle. Sem dúvida posso afirmar que este estado de uma forma geral foi até o final do semestre em algumas salas. Em outras turmas, contudo, a disciplina e o respeito mútuo saíram um pouco do controle em alguns momentos.

Com o tempo passando, fui percebendo que a escola não era o ambiente tão calmo e tranquilo como esperava. Eu com minha pouca experiência docente, estava inebriado pelas novidades profissionais, sendo assim ainda não tinha um olhar apurado aos problemas que estão presentes dentro de uma escola. Indisciplina, desmotivação e violências em pouco tempo entrariam no meu caminho. Surpresas e perplexidade seriam alguns sentimentos presentes.

No entanto, dentre os ambientes que mais me desmotivaram dentro da escola, posso destacar como principal, a sala dos professores. Posso afirmar que se você quiser ficar desmotivado com a profissão de professor, vá à sala dos professores. Para mim a receita funcionou. Em pouco tempo, preferia ficar na sala de aula sozinho, durante o intervalo, do que há ir à sala dos professores. Não que nunca aparecia lá, até porque vez ou outra a direção nos chamava para alguma reunião e passar orientações. Mas sempre que possível, procurava manter distância. Não gostava muito do clima de desmotivação que pairava no ambiente. Os professores, sem dúvida eram profissionais competentes e de boa conversa.

Um problema que está intrínseco ao ambiente escolar é a indisciplina. Esta se faz presente e, todos os ambientes de ensino e certamente em outros locais onde haja presença humana.



Nas palavras de Júlio Groppa Aquino (1996, pág. 40) "o fenômeno da indisciplina é um velho conhecido de todos". Mesmo já convivendo com este fenômeno durante longo período, sabe-se que as medidas para saná-lo ou amenizá-lo não são fáceis de serem encontradas e postas em prática. Aquino nos dá indícios para tentar encontrar algumas soluções interdisciplinares.

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiram propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas. É certo, pois, que a temática disciplinar passou a se configurar enquanto um problema interdisciplinar, transversal à Pedagogia, devendo ser tratado pelo maior número de áreas em torno das ciências da educação. Um novo problema que pede passagem. (AQUINO,1996, pág. 40 e 41)

Os educadores de maneira geral concordam com as afirmações de Aquino, sem dúvida não somente os conhecimentos da Pedagogia serão suficientes, há que se reunir conhecimentos transdisciplinares com o objetivo de construir ações que possam tornar a disciplina não em um problema, mas sim em objetivo no ambiente escolar.

A desmotivação e a falta de disciplina, estão presentes nos espaços escolares desde sempre. Infelizmente elas vêm aumentando o seu índice de presença nos últimos anos, basta ver que muitos jovens não escolhem carreiras do magistério, pois o campo profissional não é vantajoso financeiramente e há muito os professores já não são considerados e respeitados socialmente.

Além destes fenômenos, a violência no ambiente escolar é um dos grandes perigos que os profissionais que atuam na educação enfrentam. Em minha experiência profissional como professor pude conviver com a violência e o medo dentro do ambiente escolar. Mesmo sendo jovem, homem e ter o respeito dos alunos, o sentimento de medo e preocupação com minha segurança e integridade física era frequente. Não me sentia seguro exercendo a atividade docente, sentia-me pressionado por este sentimento de que a qualquer momento algo poderia sair da normalidade e das regras da civilidade. Momento em que a relação professor – aluno poderia ser quebrada, o respeito mútuo fosse rompido, e, uma situação violenta inesperada brotasse.

Tal se sentimento ficava mais latente quando presenciava práticas violentas entre os alunos e alunas. Brigas, discussões e ameaças se fizeram presentes em alguns momentos. Recordo-me de um caso de agressão entre dois alunos em sala de aula. Estava lecionando na

sala de vídeo e estava de costa para a turma, pois selecionava o filme que iria expor aos alunos, quando virei para a turma, dois alunos estavam brigando, na verdade era uma agredindo o outro, já que somente um batia e o outro só ficava parado apanhando. Corri para separar. Lembro que nenhum outro aluno interrompeu as agressões. Todos somente olhavam a agressão e incitavam a violência.

Uma situação grave desta foi levada imediatamente ao conhecimento da direção. Apresentei os dois alunos à diretora e expliquei o ocorrido. O aluno que bateu afirmou que tomou esta atitude pois fora ofendido verbalmente. Por outro lado, o aluno que foi agredido fisicamente, afirmou que não falara nada ao seu colega. Lembro que a diretora solicitou a presença dos pais dos dois. Posteriormente ela me informou que o pai do aluno que agrediu fisicamente o seu colega de sala, deu razão ao filho. Afirmou a diretora que seu filho era praticante de arte marcial e tinha que se defender. Observei, que infelizmente estes casos ocorrem dentro do ambiente escolar com uma frequência assustadora. Os professores muitas vezes sentem-se sem condições psicológicas de continuar ministrando a aula.

A violência no ambiente escolar não pode ser analisada sem perceber o contexto da sociedade atual. Sabe-se que a escola é permeada pelas práticas cotidianas que ocorrem para além de seus muros. A escola não é um ambiente desconexo das realidades que a cercam. Há uma troca constante entre comunidade e escola como um equipamento de ensino, seja público ou privado.

A proposta deste trabalho é analisar o fenômeno da violência "dentro da escola" a violência "na" escola e a violência "da" escola<sup>3</sup>. Para esta análise serão utilizados os Boletins de Ocorrência (BO's) registrados no ano de 2013 na 6ª Delegacia de Polícia (DP) de Florianópolis. Esta se encontra localizada no Bairro Agrônoma. A 6ª DP é especializada em crimes praticados contra as mulheres e crianças.

Tendo ciência que a escola é uma instituição de importância inquestionável na sociedade contemporânea, e sabendo da sua missão, imposta pela classe burguesa, de ser modeladora de uma civilidade às classes pobres, em que meu questionamento é verificar em que proporção às violências ocorridas no ambiente escolar são retratados nos periódicos impressos? Partindo deste questionamento, realizei uma pesquisa em dois jornais impressos.

A escolha destes dois jornais se fundamentou na sua tiragem e área de abrangência. O primeiro deles é o Diário Catarinense, jornal com maior número de tiragem de Santa Catarina

---

<sup>3</sup> Estas três formas de violência serão melhor trabalhadas no capítulo primeiro deste trabalho.

e com amplo público leitor na capital catarinense. O segundo periódico é o Notícias do Dia, este, na minha percepção, é mais voltado a um público da região continental da Grande Florianópolis. Apresenta uma tiragem menor que o primeiro e, na minha apreensão, tem um público de leitores diferente do primeiro<sup>4</sup>.

Assim o trabalho se apresenta com a seguinte divisão. No primeiro capítulo discutirei o tema violência e violência na escola. Vários autores teorizaram acerca da violência na sociedade moderna, sendo assim é de fundamental importância a análise crítica de Hanna Arendt (1994), Nilo Odalia (1991), Alba Zaluar (1995) e Oliven (1982). O embasamento teórico para discorrer sobre a violência na escola foi em Miriam Abramovay (2002, 2005), Veronese (1998) e Zaluar (1995).

O segundo capítulo será dedicado à descrição da metodologia empregada no recolhimento das fontes (BO's e Jornais). O terceiro será destinado a análise e crítica aos dados recolhidos.

O terceiro capítulo será dedicado a apresentar os jornais como fontes para o Historiador. Esse documento que tem importância significativa nas sociedades modernas tem se mostrado como uma excelente fonte de pesquisa. Nas páginas de jornais são apresentados e debatidos temas que fazem parte do cotidiano da população. Assim este se apresenta como fonte relevante no ofício dos historiadores e historiadoras.

Nos capítulos quarto e quinto farei uma sucinta discussão acerca da metodologia adotada no trabalho e como foi o processo de coleta de dados tanto na Biblioteca Pública quanto na 6ª Delegacia de Polícia.

No sexto capítulo é feita a apresentação da pesquisa nos jornais e boletins de ocorrência. Fiz o uso de gráficos para facilitar a apresentação aos leitores da quantidade e frequência das violências cometidas no ambiente escolar. Este espaço também é utilizado para escutar as vítimas. Estas quase sempre só são ouvidas na Delegacia de Polícia.

Por final farei uma discussão sobre o papel da imprensa e sua função social no século XX e começo do XXI.

A escolha do ano de 2013 foi uma decisão tomada conjuntamente com a minha orientadora. Pensamos em trabalhar com um ano próximo pela facilidade de encontrar fontes, tanto nos jornais, mas, principalmente, na Delegacia. Assim o ano de 2013 foi definido como o mais interessante e viável.

---

<sup>4</sup> Segundo dados de outubro de 2016, o jornal Diário Catarinense tem um público leitor de 76 mil no impresso, e circula em 90% dos municípios catarinense. O público leitor do jornal impresso se concentra nas classes A e B.

## 2. VIOLÊNCIA

### 2.1 Definição de violência

Na sociedade atual a utilização da palavra violência é bastante comum. Praticamente ela virou um termo de fácil compreensão por todos e assim torna-se um elo de ligação, ou um conector de ideias. A palavra tornou-se vulgar, vulgar no sentido de popular, de fácil acesso e uso. Violência é tornou-se definição para vários acontecimentos cotidianos. Quando se liga a TV, dificilmente esta expressão não vai se fazer presente nos programas que estão em exibição, abre-se o jornal e ela já lhe vem aos olhos, letras garrafais, início de frase para ter mais destaque. Mas qual é a definição de violência, ou melhor, quais as definições das múltiplas violências?

No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, encontramos a palavra violência assim definida: 1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. *Jur* Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação. (AURÉLIO, 2009, p. 2065)

Outra definição do termo é apresentada pelo Dicionário do Pensamento Marxista (1988)

Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária (...). A intervenção física, na qual a violência consiste tem por finalidade, destruir, ofender e coagir (...). A violência pode ser direta ou indireta. É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico na qual a vítima se encontra(...) ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou grupo que é alvo da ação violenta. (Apud LUCINDA, 2001, p 19).

As duas definições são próximas, porém a primeira aborda uma definição a violência ultrapassa os limites da violência física, cita a violência moral. A definição marxista é mais direcionada ao estado físico.

Tem-se acompanhado via imprensa, seja escrita, televisiva e na internet, uma crescente discussão acerca da violência. Independente dos tipos de violências, o que se há percebido e vivido, é que houve uma escalada da violência na sociedade contemporânea. Há em curso, na

minha concepção, um processo de "aceitar" a prática de violência como algo cotidiano ou corriqueiro.

Nilo Odália em seu estudo acerca da violência vai definir cinco grandes grupos para se perceber e analisar como este fenômeno se expressa e se faz presente na sociedade atual. Vejamos: Violência original, Institucionalizada, Social, Política e Revolucionária. Todas, de alguma forma, estão presentes na sociedade contemporânea. Segundo Odália,

A violência, no mundo de hoje, parece tão entranhada em nosso dia a dia que pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, para se transformar numa forma do modo de ver e de viver no mundo dos homens Especialmente, do homem que vi nas grandes cidades – esses grandes aglomerados humanos que se tornam o caldo de cultura de todos os tipos de violência. (ODÁLIA,2012, p.9)

Este pensar e viver nestas cidades violentas não é exclusividade de alguns. Estas violências qualquer que seja a forma, tipo e intensidade, faz-se presente nos bairros considerados de alto padrão, onde vive a classe média e nas favelas. Não há lugar geográfico ou barreiras delimitando o alcance da violência. Por certo que este não é um problema de uma classe social, ela se mostra presente nas classes altas até as classes D e E.

Estando presente no cotidiano, na convivência das pessoas e nas formas como as pessoas se relacionam e se portam perante este tipo de situação. Pode-se afirmar que a violência provoca danos e mudanças no comportamento e na cultura humana. Mudam-se os hábitos, horários e moradia. As consequências desta cidade violenta são perceptíveis a todo momento. Odália nos lembra das alterações arquitetônicas que presenciamos nas últimas décadas.

Pode perceber-se as consequências dessas violências nas paisagens urbanas. Nos bairros sofisticados e elegantes, a arquitetura a ela se adapta e o desenho arquitetural busca se adaptar as novas condições de vida familiar. Vinte ou trinta anos atrás, o arquiteto buscava conquistar o espaços exteriores, os jardins se abriam acompanhando o movimento e o ritmo das rosas e margaridas que captam o espaço externo, mostrando-se. O espaço visual era ampliado, pois as residências eram projetadas para fora e funcionavam como absorvedoras do espaço.

Hoje, a arquitetura perde seu sabor pela vida exterior, interioriza-se, e o que se busca, desesperadamente, é a segurança e a defesa. Defendemo-nos de tudo. Os espaços são fechados, a casa é projetada para dentro de si mesma, o exterior é abandonado, pois é o perigo a ser evitado, não a beleza a ser conquistada. A arquitetura do espaço aberto cede seu lugar a uma arquitetura de defesa e proteção. (Idem, p. 10)

A leitura de Odália se materializa quando refletimos como as habitações estão sendo construídas hoje. Muros cada vez mais altos, cerca elétrica, câmeras de vigilância eletrônica e

segurança privada. As culturas de construção das moradias estão em plena transformação. A beleza e a visibilidade entre externo e interno foi rompida, não há mais contato entre a rua, espaço público por excelência, e o espaço interno das moradias. Há um processo de ruptura, de não integração entre estes ambientes.

Essa diferença de arquitetura é mais perceptível em bairros com mais de duas décadas de existência, neles convivem as duas concepções de arquitetura. Estas, como visto, são antagônicas em relação ao espaço exterior. Há casas "abertas", com jardins sendo mostrado às pessoas que transitam pela rua. Assim estes são feitos e mantidos no sentido de contemplação das pessoas que estão dentro e fora da casa. Neste mesmo bairro, por outro lado, há casas em que este diálogo entre externo e interno não existe. Estas residências têm como característica muros altos e intimidantes. São casas sombrias e segundo Odália (2012) "lembram os antigos asilos de loucos".

Dentre os autores e autoras que problematizaram a violência Hanna Arendt é sem dúvida uma referência. Em sua obra "Sobre a Violência" a autora nos chama a atenção sobre o papel que esta desempenha na história humana. Segundo Arendt apesar da importância e da presença constante deste fenômeno na História, poucos a escolheram como "objeto de consideração especial". Na sua análise sobre a importância que a violência tinha para os estudos acerca da História, Arendt afirma:

Ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas, e à primeira vista é bastante surpreendente que a violência tão raramente tenha sido objeto de consideração. (Na última edição da Encyclopedia of Social Sciences "violência" nem mesmo merece uma menção). Isso mostra até que ponto tomou-se a violência e a sua arbitrariedade como fatos corriqueiros e foram, portanto, negligenciadas; ninguém questiona ou examina aquilo que é óbvio para todos. Aqueles que nada mais viram do que violência nas atividades humanas, convencidos de que eram "sempre acidentais, nem sérios, nem precisos" (Renan) ou que Deus apoiava sempre os batalhões maiores, não tiveram mais nada a dizer sobre a violência ou a História. Qualquer um que procurasse algum sentido nos registros do passado estava quase que destinado a encarar a violência como um fenômeno marginal. (ARENDR, 1994, p 16)

A autora problematiza a falta de relevância que o fenômeno da violência tinha para os estudos da História. Como esta característica que marca as sociedades desde seu surgimento não tem sido objeto de estudos mais detalhados e profundos pelos que se propõem a mediar sobre a História e Política? É compreensível os questionamentos, indagações e até mesmo um certo espanto da autora.

Arendt tem a competência de conseguir discernir e explicar cinco conceitos fundamentais para entendermos que poder, força, vigor, autoridade e violência se diferenciam, mas estão conectadas. Vejamos:

Arendt é precisa e direta na sua definição de violência:

Fenomenologicamente, ela está próxima do vigor, posto que os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural até que, em seu último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo. (ARENDR, 1994, P 37)

Já seu entendimento do que é poder, mostra-nos que este:

corresponde a habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida que o grupo se conserva unido"(idem. P. 36)

Nesta afirmação pode-se constatar que no poder não há individualidade, mas sim coesão grupal. Sem esta consistência e união, o poder fica comprometido e inevitavelmente se diluiu ou é transferido para outra pessoa. Esta análise se mostra bastante eloquente quando se tem como exemplo a política. Um governante se mantém no poder quando o grupo que o apoia se mantém coerente, junto e com proximidade de pensamento. Praticamente há uma "harmonia" entre o governante, seus aliados e os governados. Quando o laço que une estes agentes é rompido, e o grupo que originara o poder desaparece, "certamente seu poder se esvanece".

O vigor difere do poder, pois esse é singular, já este é plural. Segundo Arendt " O vigor inequivocamente designa algo no singular, uma entidade individual; é propriedade inerente a um objeto ou pessoa e pertence ao seu caráter" (idem. p. 37).

Quando se refere à força (force), autora afirma que ela está mais ligada "às forças da natureza ou a forças das circunstâncias, isto é, deveria indicar a energia liberada por movimentos físicos ou sociais"

O mais enganoso destes fenômenos é a autoridade. Esta requer respeito pela pessoa ou pelo cargo. Segundo Arendt " O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo, e o mais seguro meio para miná-la é a risada." (Idem, p. 38)

Dentre os autores e autoras que estudam o tema da violência, praticamente todos trabalham na perspectiva que a definição destes fenômenos é complexa. Não se deve entender violência como um processo único e repetitivo. Não se deve simplificar este fenômeno que percorrer a história da humanidade. Sendo assim, a violência não constitui algo novo na sociedade, apresenta-se de forma complexa e diversificada.

Com este entendimento a respeito do fenômeno, Theophilos Rifiotis se dedica a pesquisar o tema violência, direitos humanos e violência de gênero. Rifiotis e Arendt se aproximam de diversas definições e conclusões acerca do estudo da violência, por exemplo, seus recorrentes usos e seu significado plural e abrangente. Vejamos uma das definições que Theophilos Rifiotis nos apresenta

Violência é uma palavra singular. Seu uso recorrente a tornou de tal modo familiar que parece desnecessário defini-la. Ela foi transformada numa espécie de significante vazio, um artefato sempre disponível para acolher novos significados e situações. O seu campo semântico tem uma regra de formação: a constante expansão. A aparente unidade deste termo resulta de uma generalização implícita dos diversos fenômenos que ela designa sempre de modo homogeneizador e negativo. (RIFIOTIS, 1999, p.28)

Sem dúvida o autor percebe que o termo violência tem abarcado diversos significados e principalmente significados negativos. Essa constante expansão é uma das características do termo.

Outra definição proposta pelo autor corrobora com a ideia apresentada e acrescenta que o aumento da violência não é sinônimo de aumento de criminalidade. Vejamos,

... a violência é uma construção social ambígua, cujo significado social está em mudança. Observa-se atualmente uma ampliação do campo semântico da palavra violência, o que não corresponde, necessariamente, a um aumento das taxas de criminalidade, contra a pessoa ou contra o patrimônio. De fato, neste campo pressupõe-se que haja concordância, seja quanto ao seu agravamento, seja em relação às causas ou no que se refere às soluções a serem adotadas. No entanto, nem sempre as pesquisas confirmam as afirmações genéricas, e por vezes contrariam frontalmente o senso comum e o discurso da mídia. (RIFIOTIS, 1998, p.26)

Como nos alerta o autor, a violência é uma palavra e seus significados são construídos historicamente. Tem-se percebido nos últimos anos a utilização mais frequente desta palavra para definir diversos atos e situações. Rifiotis (1998) nos explica as diversas definições e referências à violência que se faz no cotidiano. Segundo Rifiotis há um jogo de linguagens e com isso uma aproximação de diferentes tipos de fenômenos. Sendo assim, quando a invocamos a palavra violência, utilizamos não somente para nos referirmos a crimes e à



violência institucional. No nosso cotidiano nos referimos à violência no esporte, no trânsito, nas ruas, nas prisões e violência de gênero.

Esses empregos que se faz da palavra e do conceito de violência, são bastante frequentes. Certamente falamos, escutamos ou lemos estes termos no nosso dia a dia. Não raro presenciamos esses atos se materializando na nossa frente, somos testemunhas de violências quase diariamente. Muitos já foram vítimas das diversas formas de violências.

A violência está presente no nosso cotidiano, contudo, muitas vezes ela não é percebida ou identificada rapidamente por todas as pessoas. Nem sempre é fácil de se identificar atos ou gestos de violência. Palavras, olhares e até mesmo o silêncio pode ser interpretado como uma forma de violência. A violência pode se silenciosa. Nilo Odália é preciso e sintético quando afirma que "Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato que possuem uma estrutura facilmente identificável. Ou seja, um ato violento se insinua frequentemente como um ato natural, cuja essência passa despercebida" (Odália, 2012, p.34).

Por certo que, tem-se que desenvolver habilidades no olhar, no perceber e na capacidade de discernir para poder ver e sentir estas violências silenciosas, não fácil de identificar. Muitas das violências praticadas no ambiente escolar são silenciosas.

## 2.2 Violências Escolar

Vários são os autores e autoras que tem se dedicado a pesquisar a respeito do tema violência no ambiente escolar. Este tema vem ganhando espaço nas pesquisas e suscitando debates importantíssimos no sentido de entender e problematizar o tema. Infelizmente este interesse pelo assunto é relativamente recente, mas os trabalhos produzidos nas últimas décadas são de grande envergadura e credibilidade.

O estudo de violência escolar se torna fundamental numa sociedade que se apresenta democrática e participativa. Sem o conhecimento do ambiente escolar por completo, não teremos condições de afirmar que estamos nos tornando uma nação mais consciente e humanizada.

Este fenômeno de violência no ambiente escolar constitui algo preocupante para toda a sociedade. Conforme Miriam Abramovay (2015) essa preocupação se justifica pelos efeitos que se tem sobre os praticantes, os que sofrem e as/os que testemunham. E também porque tira da escola a primazia de ser um ambiente tranquilo e de amizade.

As diversas violências afetam o ambiente escolar como um todo. Seja os alunos e alunas, professores e professoras e os profissionais do corpo pedagógico.<sup>5</sup> Os alunos são afetados de diversas formas, por exemplo, quando perdem a motivação de ir à escola, já que não se sentem seguros. Os professores, que muitas vezes agredidos no seu local de trabalho, procuram outros empregos fora do ambiente escolar. Muitos dos servidores do corpo pedagógico, quando não mais interessados em trabalhar nas escolas, procuram alguma forma de se transferir para outros locais de trabalho que não tenha contato direto com o ambiente escolar.<sup>6</sup>

Construir uma visão crítica acerca do fenômeno da violência é fundamenta, visto que permeia todas as relações sociais, em que são afetados todos os membros da comunidade escolar.

---

<sup>5</sup> Estão inseridos no corpo pedagógico os diretores, supervisores, inspetores, auxiliar escolar e os outros profissionais que exercem suas atividades laborais dentro da escola.

<sup>6</sup> Não é objeto deste trabalho analisar as transferências, remoções ou disposição dos professores da rede pública Estadual de Santa Catarina. Este tema, também, é de grande importância para compreender a violência no ambiente escolar, haja vista que o número de servidores da Secretaria de Educação do Estado que se encontra trabalhando em outras secretarias é muito alto. Sendo assim, cabe a pergunta: Quais os motivos que os levaram a deixar o ambiente escolar?

Assim como a palavra violência não é de fácil definição, visto sua pluralidade de sentidos; definir violência escolar se mostra da mesma forma complexo e desafiador. Quando Bernard Charlot refere-se à dificuldade em definir violência na escola, este aponta a complexidade que o tema se apresenta. Segundo Charlot (1997:01)

Violência escolar é um fenômeno heterogêneo, difícil de delimitar e ordenar, mas também porque desestrutura as representações sociais que têm valor fundador: aquela da infância (inocência), a da escola (refúgio de paz) e da própria sociedade (pacificada no regime democrático). (Apud, ABRAMOVAY, 2002(a), p.72)

Partindo dessas observações e buscando refletir acerca das diversas formas de violência escolar, tem-se a proposta de mostrar ao leitor que a escola está permeada por atos de violência. Assim, pode-se classificar estas violências em três amplas definições que são: Violência na escola, da escola e contra a escola. O termo violência na escola é amplamente discutido entre educadores, sociólogos e jornalistas que vem trabalhando o tema a um longo período.

### **2.3 Tipos de violência na escola**

A pesquisadora Miriam Abramovay vem realizando estudos acerca do tema no Brasil. Segundo ela há diferentes tipos de violências que afetam o cotidiano das escolas, essas práticas violentas prejudicam os alunos, professores, e o corpo técnico pedagógico. (ABRAMOVAY, 2015, p.8). A escola é um ambiente de formação de jovens. Contudo a escola possui mecanismo de exclusão de alunos. Há um processo de segregação dos alunos que não correspondem conforme esperado pelos padrões e regras estabelecidas. Além disso, a escola, que deveria ser o lugar possível para a ascensão social, reproduz o mundo da violência. Segundo Guimarães e Paula (1992) a escola ainda mantém a sua importância por ser o ambiente capaz de fazer com que alguém "cresça na vida". É neste espaço que aprendem a ler, escrever e ter alguma disciplina.

Abramovay aponta estas imposições de regras sem a participação dos jovens estudantes como uma das situações que prejudica a escola. A autora afirma que:

Outro tipo de situação que prejudica a escola são as regras e normas impostas sem discussão e entendimento. As normas presentes na escola fundamentam a manutenção da ordem escolar e é evidente que devem existir e funcionam quando são conhecidas, entretanto, em muitos casos, as regras nas escolas não são discutidas e combinadas e os alunos e professores não conhecem suas razões. (ABRAMOVAY, 2015, p.8)

Sem dúvida essa imposição não coaduna com um pensamento democrático e participativo. A escola é uma construção coletiva, todos que a compõem tem direito de se manifestar.

Abaixo descreveremos algumas formas das violências que se fazem presentes no ambiente escolar.

### **2.3.1 Ameaças**

Esta violência se configura por promessas explícitas de causar

danos ou de violar a integridade física de alguém. Agressores ameaçam suas vítimas com os objetivos mais diversos. Seja para conseguir algo que não lhes pertence, para que outros assumam a culpa por atos que não praticaram e os professores são ameaçados por vários motivos. Dentre estes podemos destacar a passagem do texto de Abramovay,

Alunos e membros do corpo técnico pedagógico sublinham em depoimentos nos grupos focais que um dos principais motivos das ameaças dos jovens contra os professores são as desavenças ocasionadas por notas, pelo nível de exigências e também pelas falhas disciplinares cometidas em sala (ABRAMOVAY, 2002(b), p.234)

Assim é comum que professores se sintam inseguros no seu ambiente de trabalho. As ameaças são um meio de os alunos intimidarem o professor, colegas e até mesmo a direção da escola.

### **2.3.2 Brigas**

Estas são muito frequente na escola. Geralmente elas são consequências de agressões verbais, xingamentos e ameaças. Há neste aspecto uma banalização da violência. Assim esta é uma forma encontrada pelos envolvidos de resolver desavenças. Florianópolis chama atenção pela diferença entre escola particulares e públicas neste tipo de ocorrência. Segundo Abramovay "essa diferença chega a 50%, onde cerca de 30% dos alunos das escolas públicas relatam agressões e espancamentos, enquanto a proporção de relatos do mesmo tipo em escolas privadas é de 14%."(ABRAMOVAY, 2002(b), p.245)

Um dos maiores causadores de brigas dentro da escola é a presença de estranhos no espaço escolar. Quando os limites físicos da escola são desrespeitados e invadidos o problema das brigas se torna mais latente.

Segundo Peralva (1997, p.20)

A violência entre os alunos se constrói em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto de fundar uma percepção do mundo justamente em relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a auto reprodução de uma cultura da violência. (Apud. LUCINDA, 2001.p 32)

Há consenso entre na bibliografia pesquisada que a cultura da violência tem uma forte presença na escola e não sociedade. Isso contribui para que brigas, ameaças, violência sexual e outras formas de incivildades sejam constante no ambiente escolar.

### **2.3.3 Violência sexual**

Esta violência praticada geralmente contra pessoas do sexo feminino, implica em graves consequências para a vítima, por exemplo, psicológica . Segundo Abramovay (2002) esta forma de violência está baseada nas relações assimétricas de poder. O entendimento que ela tem acerca do assédio é amplo. Para a autora vários gestos podem ser considerados uma manifestação da violência, por exemplo, olhares, gestos, falas, comentários obscenos e contatos físicos. Conforme a autora, nesta forma de violência os professores geralmente são os agressores.

Destaque-se que o assédio sexual é percebido como uma das formas mais comum de violência de professores contra alunos, principalmente contra mulheres, conforme o discurso dos jovens, ainda que possa ocorrer entre estes mesmos ou envolver outros atores nas escolas (ABRAMOVAY, 2002(b), p.247)

Sem dúvida esta afirmação é contundente e forte, professores são os principais responsáveis pela reprodução de uma forma de violência inaceitável. Neste tipo de violência as meninas são as maiores vítimas.

Em se tratando de violência sexual nas escolas, seja o assédio e o abuso, seja o estupro - múltiplos tipos de violência se entrelaçam, como a violência física, a verbal e as de caráter simbólico. Referem-se a esta última tipologia os símbolos de poder com marca de gênero, como estereótipos de masculinidades e divisões sexuais sobre o esperado – por parte das mulheres, o recato e a não provocação pelo que se considera roupas inapropriadas; e por parte dos homens, a agressividade. Sublinha-se, também, que são significativos os casos de professores como agressores e que, frequentemente, tal violência passaria impune, embasada por violência simbólica ou abuso de autoridade em uma cultura de discriminações contra as mulheres. Mas observa-se que, embora as alunas sejam as mais frequentes vítimas de tais

violências, também se registram relatos de violações sexuais contra alunos (ABRAMOVAY, 2002(b), p.253).

#### **2.3.4 Armas nas escolas**

Uma forma de violências comum nas escolas é o porte de armas. As armas brancas, por exemplo, canivete e estiletes, são de fácil acesso. Os jovens geralmente se armam não para cometer algum crime ou delito, mas sim para proteger-se e defender-se. Também há a possibilidade de querer se impor perante os colegas. Mostrar-se como alguém que tem que ser respeitado. Volta-se a ideia de ter que reafirmar a masculinidade perante os demais. Constantemente, os jovens, principalmente meninos, são chamados a responsabilidade de se imporem como machos. Outro aspecto que contribui para que o porte de arma seja visto como normal pelos jovens, é a banalização da violência.

Conforme Abramovay (2002b) a generalização do uso das armas de fogo estão associadas às ocorrências violentas na escola. Isso tem contribuído para o aumento da insegurança e para justificar seu uso como instrumento de defesa. Somente a presença de uma arma de fogo no ambiente escolar já assusta a todos. A presença de outros tipos de armas, por exemplo, canivetes, tesouras e estiletes muitas vezes são desconhecidas pelos professores e corpo técnico pedagógico.

#### **2.3.5 Roubos e furtos**

Se podemos afirmar que algumas violências estão naturalizadas na escola, a prática de pequenos roubos e furtos é uma delas. A ideia básica é subtrair algo de alguém. Segundo o código penal brasileiro, o furto é " Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel". Já o roubo é "Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência" (Código penal Brasileiro, 1940)

Os pequenos furtos são geralmente praticados por pessoas que frequentam a escola, estes atos muitas das vezes são aceitos como naturais. Tanto professores quanto alunos sabem que este tipo de violência é praticada na escola diariamente. Celulares, máquinas fotográficas digitais, dinheiro, material escolar e outros objetos são os alvos principais. Conforme Abramovay (2015). Há um desejo de muitos jovens de estarem na moda, usarem roupas de

marca, ter objetos de valor e apreciados no grupo. Os valores consumistas se inserem na cultura dos jovens. Isso compõem a identidade, um estilo deles.

### **2.3.6 Violência contra a escola**

A violência contra a escola se manifesta a partir do momento que o patrimônio público é depredado. Não é incomum as escolas serem pichadas, depredadas e invadidas. Atos de vandalismo como a quebra de louças sanitárias, roubo de aparelhos eletrônicos e alimentos são exemplos deste tipo de violência. Quase sempre as escolas públicas são os principais alvos deste tipo de atitude.

A depredação do patrimônio escolar pode ser interpretada conforme alguns autores como uma forma de os jovens serem vistos e reconhecidos. Segundo Da Matta (1982), citado por Lucinda (2001), "Quebra-quebra é um grito e tem como objetivo ... obter um reconhecimento através deste ato violento, que anuncia a voz daqueles indivíduos destituídos, que as elites consideram de segunda classe"

Estes atos de vandalismo e depredação seriam formas de manifestar-se contra um processo de exclusão social e as normas impostas pela sociedade. Cárdua (1997), citado por Lucinda (2001), observa que "estes atos de violência podem estar relacionados à baixa qualidade de vida em termos de infraestrutura, no que se refere à vida coletiva"

Lia Fukui em seu estudo sobre três escolas públicas do estado de São Paulo, observa que o problema da falta de segurança é latente. As depredações e invasões ocorrem principalmente na madrugada e nos finais de semana, já que a escola está sem atividade. Para Fukui as depredações são de dois tipos básicos. O primeiro é o desgaste natural de materiais e instalações. Como a escola é um ambiente que circula muitas pessoas é normal que haja um desgaste natural. As depredações, contudo, não se inserem neste processo natural. As pichações de muro, quebra de lâmpadas, dos vasos sanitários são exemplos do vandalismo arquitetado pelos jovens. (FUKUI, 1992, pp 111-112)

Com relação às invasões ao espaço escolar Fukui a diferencia em três tipos. O primeiro é a invasão de alunos que são chamados de "alunos insistentes", pois abandonaram os estudos, mas continuam indo à escola para desfrutar do "mínimo convívio social". Outra forma são as invasões para roubos e ações violentas. Fukui (1992) alerta para que a escola

tenha uma boa relação com a comunidade que está inserida, pois “proporciona uma certa garantia de seu funcionamento e segurança”. Por terceiro Fukui destaca a invasão pela polícia ou pelo judiciário. Vejamos o caso que autora nos apresenta fruto de sua pesquisa e que demonstra representante do poder judiciário exorbitando em sua ação. "Segundo relatos das vivências, os professores se sentiram muito constrangidos quando um juiz entrou de sala em sala revistando os alunos. Neste caso houve uma nítida invasão de área por parte da autoridade."(FUKUI, 1992, p. 113).

### **2.3.7. Violência Institucional**

Outra forma de violência estudada é a violência institucional, ou violência da escola. Esta se expressa de forma muito sutil. As relações de poder são utilizadas para impor a autoridade. No cotidiano das escolas essa violência se personifica de diversas formas. A dificuldade de alguns professores em dialogar com alunos é um exemplo. Humilhações de alunos por parte dos docentes são relativamente frequentes. Alguns professores "tratam mal os alunos – safado, marmanjão - são agressões verbais e os expõem ao ridículo quando estes não entendem algo ou quando não conseguem responder uma pergunta" (ABRAMOVAY, 2015, p.74).

Essas humilhações e desmotivações fazem com que o aluno não se sinta motivado a participar da aula e nem mesmo ir à escola. A escola pública é considerada uma instituição fundamental no processo de construir uma sociedade mais democrática e justa, contudo estas formas de violências contribuem para que ela seja vista como um espaço violento e que de algum modo os jovens não a vejam como um local de integração, mas sim de exclusão e desigualdades.

### **2.3.8 A violência policial na escola**

A presença da polícia na escola tem se tornado cada dia mais frequente. Sempre que há ocorrências mais graves no ambiente escolar, a escola tem chamado a polícia para ajudar a resolver. Essa presença nem sempre é delimitada, policiais são chamados à escola por motivos que não são de sua competência, conforme Miriam Abramovay,

A presença da polícia no contexto escolar é marcado por ambiguidades e tensões, tanto nas relações que se estabelecem quanto nas percepções do papel da polícia por parte dos professores, alunos, membros da equipe de direção e, até mesmo, dos próprios policiais. Justificadas pelos sentimentos de medo e insegurança, a



intervenção do policial é pensada, muitas vezes, como solução para os problemas de violências nas escolas (ABRAMOVAY, 2009, p.166)

A escola é sem dúvida um ambiente onde se manifestam muitas práticas violentas, seja contra os alunos e alunas, contra os professores e mesmo contra o corpo técnico pedagógico. A solução para este problema, contudo, não é fácil e nem mesmo simples.

Neste sentido, a escola tem condições de solucionar muitas das violências cometidas em seu interior e mesmo aquelas cometidas contra ela. Quando há uma percepção equivocada do papel que a polícia escolar<sup>7</sup> tem que desempenhar, a proteção e a garantia das condições de funcionamento e de boa dinâmica escolar com o protagonismo na construção do processo educativo.

Conforme Abramovay (2009) a escola tem que enfrentar estas questões com protagonismo. Medidas de enfrentamento das violências no ambiente escolar podem ser mais eficazes se as escolas tomarem para si parte da responsabilidade nas ações vinculadas ao tema. Não se pode descartar a atuação policial, principalmente no policiamento da parte externa da escola.

O depoimento de uma professora citado por Abramovay (2009), representa bem essa relação entre polícia e ambiente escolar. Ela se mostra bastante "constrangida" com a presença constante de policiais na escola, e também questiona a situação de policiais entrarem na escola para revistar alunos, principalmente em sala de aula. Vejamos o relato,

Eu me sinto constrangida de ver os policiais na escola, porque acho que nós deveríamos viver em outros tempos, que não tivesse a necessidade disso. Eu, por exemplo, na minha época de estudante, se um policial chegasse para me abordar, eu acho que tinha um treco. E, hoje, eu me sinto constrangida de ver os policiais na sala que estou trabalhando para abordar meus alunos, só que, eu sei que lá na sala de aula tem aluno que veio para escola pra poder fazer tráfico de drogas e que está influenciando aquele que é bom aluno.( Professora, grupo focal com professores, apud ABRAMOVAY, 2009, p.174)

Na fala da professora há uma espécie de nostalgia ou saudosismo, ela relembra o tempo que era estudante e a vê como um período em que a polícia era respeitada. A polícia

---

<sup>7</sup> Tanto a PMSC quanto a Guarda Municipal de Florianópolis desenvolvem atividades com alunos e comunidade escolar no sentido de dar maior segurança no ambiente escolar. Na área da prevenção é altamente eficiente, pois a presença da Polícia Militar nas escolas evita crimes e contravenções, trazendo mais segurança para os estudantes, professores, orientadores, diretores, funcionários e até mesmo para as pessoas que moram nas proximidades das escolas.

sempre tem que ser vista como alguém com autoridade perante a sociedade. Mas o que mais é intrigante na sua fala é a inquietação, coação e a não aceitação de ver um policial revistando seus alunos em sala de aula, este que é o ambiente de direito do professor. Neste espaço a autoridade tem que ser o professor. Há uma invasão do espaço por um outro profissional que em síntese não deveria estar presente neste local. A polícia como agente repressor não deveria fazer parte do processo de ensino aprendizagem.

### **3 POR UMA NOVA HISTÓRIA : A IMPRENSA COMO FONTE E FONTES JUDICIAIS**

Os jornais nem sempre foram vistos pelos historiadores como fontes confiáveis. Na visão dos historiadores. Os periódicos não eram utilizados como uma fonte possível de ser analisada e dela colher informações seguras. Os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado. A tradição historiográfica que dominou o século XIX e início do XX, estava associada a um ideal de buscar a verdade dos fatos ocorridos. Essa verdade só poderia ser atingida através dos documentos que eram marcados pela objetividade, neutralidade e fidedignidade. Nesta perspectiva metodológica, os jornais eram pouco adequados a esta maneira de se escrever História. Essas "enciclopédias do cotidiano", continham registros fragmentados do presente, realizados sobre o influxo do interesses, compromissos e paixões. (DE LUCA, 2005)

Esse pensamento ortodoxo sobre as fontes no campo da História, começa a ser criticada a partir da década de 1930, pela chamada Escola dos Annales que propunha um alargamento no campo da História. Contra esta prática historiográfica que tinha um campo de fontes bastante restrito, a nova historiografia, principalmente a francesa, iniciou um processo de ampliação dos campos de pesquisa com "novos objetos, problemas e abordagens".

Assim novas pesquisas surgiram no intuito de promover novas abordagens, questionamentos e temas que antes não eram objeto da escrita da história. A este respeito De Luca é bastante assertiva, segundo a autora,

A face mais evidente deste processo de alargamento do campo de preocupações dos historiadores foi a renovação temática. Imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíram o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres,

aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausente do território da História. (DE LUCA, 2005, p 113).

A Escola dos Annales sem dúvida é a pioneira desta nova história. A partir da criação, em 1929, da revista dos Annales<sup>8</sup> novos temas, abordagens e aproximações com outras áreas de conhecimento começaram a ser vista como frutíferas aos historiadores e à produção do conhecimento.

Estas novas abordagens trouxeram uma "oxigenação" fundamental para a História. Ampliaram o campo de conhecimento e as possibilidades de interagir com outras áreas do conhecimento, por exemplo, sociologia, psicologia e antropologia. Houve um distanciamento com o modelo marxista ortodoxo de produção de conhecimento histórico.

A imprensa, contudo, ainda não teve um reconhecimento como fonte segura e confiável. Os periódicos ficaram ainda à margem destas novas pesquisas. A imprensa não se constitui como um objeto de estudo da História e dos historiadores. É somente a partir da terceira geração da escola de Annales, começo da década de 1970, que os jornais serão vistos com melhores olhos por parte dos historiadores.

A pesquisadora Alzira Alves de Abreu, que é grande estudiosa da imprensa brasileira, no seu trabalho "A imprensa em Transição"(1996), corrobora com esta afirmação de que a imprensa até pouco tempo não se configurava como uma área de interesse para se pesquisar. Abreu salienta que

As razões para a ausência de estudos abrangente sobre a imprensa, o jornalismo e os jornalista podem estar ligadas, em parte, à própria concepção dos métodos da história que predominaram até as últimas décadas. Durante muito tempo, só era possível fazer história por meio de reconstituição do passado. O historiador precisava de uma distância no tempo para poder analisar "objetivamente", sem paixões, o seu objeto de estudo. A aceitação da "história do tempo presente, como uma área passível de análise do historiador, só ocorreu nos últimos anos. Até então, fazer história dos acontecimentos recentes era tarefa deixada aos jornalistas. (ABREU, 1996, pp 8-9)

Esse distanciamento dos periódicos por parte dos historiadores só foi se modificando a partir da década de 1970. Aproximações com o jornalista, jornalismo e a mídia permitiu

---

<sup>8</sup> Conforme Peter Burke a revista teve quatro títulos. Annales d'histoire économique et sociale (1929-39); Annales d'histoire sociale (1939-42, 45); Mélanges d'histoire sociale (1942-44); Annales économiques, sociétés, civilisations (1946- ). Para saber mais sobre a Escola dos Annales conferir Burke (2010).

discernir alguns elementos fundamentais para as pesquisas atuais. Abreu (1996) nos mostra a importância que a informação tem numa sociedade democrática. Ela é suporte para partidos políticos, sindicatos e organizações civis. A imprensa se mostra neste sentido crucial para divulgar informações de acontecimentos sociais. O historiador busca o estudo do acontecimento histórico, e, este tem na imprensa escrita, rádio e televisão, a condição de sua existência. Para Abreu a mídia "tem assim, cada vez mais, lugar de destaque no sistema político e está comprometida, junto com os demais atores sociais, na construção de uma sociedade democrática" (Idem. P.9)

A segunda fonte utilizada foram os Boletins de Ocorrência. Estes são fontes mais ligadas ao poder judiciário. Estas são fontes ímpares para pesquisadores de todas as áreas de conhecimento. São fontes riquíssimas e tem que ser mais exploradas pelos pesquisadores. Ainda são pouco utilizadas e conhecidas por um número significativo de pesquisadores e pesquisadoras.

Segundo Chalhoub (2005) afirma que o interesse dos historiadores pelos arquivos judiciais ocorre a partir das décadas de 1960 e 1970 do século XX, em um contexto de surgimento de novos sujeitos sociais, como o movimento feminista, o movimento negro, o movimento homossexual e outros sujeitos coletivos, que levaram a história brasileira a ser contada a partir de perspectivas diferentes das tradicionalmente utilizadas. A partir de congressos internacionais e de relatos do uso de processos judiciais, historiadores passaram a buscar nos arquivos brasileiros informações sobre a cultura de outros tempos.

#### **4 METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste trabalho foi a qualitativa junto com a quantitativa. Creio que esta opção se mostra mais adequada aos objetivos deste trabalho. Contudo, não temos a pretensão de analisar todos os casos de violências praticados no ambiente escolar no ano pesquisado (2013). A escolha de analisar somente um ano se mostrou mais viável, já que o tempo para a escrita era relativamente curto, também se justifica, pois, proposta do trabalho é tentar comparar as notícias encontradas nos com os BO's encontrados.

Apreendi com Goldenberg (2011) que as Ciências Sociais têm um método de pesquisa diferente do aplicado nas Ciências da Natureza. Estas estão mais preocupadas com a quantidade de vezes que o fenômeno se repete, assim tem-se como quantificar e elaborar uma teoria geral para explicá-lo. Os dados qualitativos, contudo, "consiste em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos" (GOLDENBERG, 2011, p.53). Cabe ao pesquisador, e a experiência é fundamental, ter a flexibilidade e criatividade no momento de coletá-lo.

Os dados também serão analisados quantitativamente, para isso foram montadas tabelas e gráficos onde mostram quais foram as formas de violências mais encontradas.

A coleta das fontes se deram em dois momentos. No primeiro as idas à Biblioteca Pública de Santa Catarina para pesquisar em jornais (Diário Catarinense e Notícias do Dia) ambos no ano de 2013. Num segundo momento as idas à 6 DP. Ali se buscou os BO's sobre violências na escola.

A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bibliotecas da UFSC. A biblioteca central foi muito utilizada e a biblioteca do CED. Cabe o registro que alguns livros foram consultados pela Internet, já que a biblioteca do CED, durante parte da escrita deste trabalho, encontrava-se fechada.

## **5 COLETA DE DADOS**

Sempre que lia alguma notícia nos jornais, blogs ou através das redes sociais, sobre casos de violências na escola, pensava como a escola tem se transformado num espaço não seguro aos profissionais da educação que lá atuam, aos alunos, pais e para a comunidade que a cerca. Sem dúvida, a escola é reflexo das mudanças ocorridas na sociedade. Temos observado uma escalada da violência sem conseguir apresentar soluções ou perspectiva de melhora.

Partindo desta constatação e com o sentimento que o ambiente escolar tem a característica de pensar e propor alternativas no sentido de enfrentar os problemas sociais, principalmente no que se refere à violência, que fui pesquisar sobre as violências no ambiente escolar. O objetivo geral é conseguir compreender como esta dinâmica se configura e se manifesta.

Conforme Julia Siqueira da Rocha (2010) a visibilidade midiática e a percepção da violência na escola têm crescido em proporção desigual aos estudos sobre o tema. É consenso entre os pesquisadores da violência, que sofremos da falta de estudos a respeito do tema. Devido a sua grande importância para a sociedade, tem-se percebido que a produção de conhecimento sobre violência na cresce no mesmo ritmo. A falta de estudo é uma das importantes críticas feitas por sociólogos, pedagogos, antropólogos e historiadores.

Dentre os diversos motivos que me levaram a pesquisar sobre violências no ambiente escolar, posso destacar que vir de uma família com muitas professoras, tias pedagogas e professoras, primas professoras e por ser filho de professor, o tema se mostra muito próximo da minha convivência profissional e familiar. Conversando com estes profissionais sobre o cotidiano escolar sempre surge o tema das indisciplinas e das violências. Os relatos são de que nos últimos anos a violência tem aumentado sua presença na escola.

Outro motivo foi a minha experiência como professor durante um período pequeno. Pude vivenciar neste curto espaço de tempo violências se manifestando de diversas formas. Hoje consigo perceber e refletir sobre as violências que se processavam no cotidiano escolar e não eram percebidas por mim, se eram, não as enquadravam como violências.

### **5.1 A pesquisa na Biblioteca Pública**

Pesquisar na Biblioteca Pública é sempre agradável, o local é calmo, silencioso e os profissionais atendem com presteza. Pesquisar em jornais é tranquilo, pois suas fontes estão

disponíveis sem muita burocracia. Somente em alguns casos os jornais estão interditados para serem restaurados, porém como minha pesquisa se dava em jornais recentes, ano de 2013, os jornais estavam todos liberados para pesquisa. A busca pela notícia do seu interesse nos jornais é um pouco cansativa e demorada, a parte trabalhosa é folhear página por página atrás da notícia que se procura.

Você não sabe qual será o destaque dado pelo jornal ao fato que procura, por exemplo, com foto e chamada na capa, ou se simplesmente vai colocar uma “notinha” num canto de página. Assim a atenção tem que ser constante. A leitura dinâmica é um recurso bem trabalhado, pois ao pesquisador ou pesquisadora, tem que ler diversas matérias para saber se aborda o tema da pesquisa.

Muitas das notícias lidas não terão relação com o tema, porém pode-se encontrar algumas que aparentemente não tratam do tema em si, mas se relacionam com o mesmo. Sendo assim, mesmo que na teoria seja simples e prático pesquisar em jornais, o entendimento muda quando se vai realizar o levantamento.

## **5.2 Uma experiência nova: pesquisar na Delegacia**

A minha segunda fonte foram os Boletins de Ocorrência (BO'S) que tratam de violência no ambiente escolar no ano de 2013. Estes se encontravam na 6ª DP<sup>9</sup>. Nunca havia pesquisado neste tipo de ambiente, então não sabia como eram os trâmites para desenvolver a pesquisa. A proposta era ir à delegacia e procurar nos BO'S casos de violência na escola. Violência contra professores, corpo técnico escolar e também contra alunos e alunas.

Dirigi-me à 6ª DP para saber o que eu precisava para pesquisar no arquivo da delegacia e até mesmo para saber se o arquivo ficava na delegacia. Lá fui atendido por uma agente de polícia. Identifiquei-me e expliquei a proposta da pesquisa. Ela me informou que somente o delegado poderia permitir ter acesso aos BO'S e, naquele momento, ele não se encontrava na delegacia. Pediu que eu retornasse mais perto do meio-dia, pois neste horário ele estaria. Ela também me informou que os BO'S não eram separados por assunto ou tema, então estavam todos misturados e que para encontrar os que me interessavam eu teria que olhar um por um. Até aí nenhum problema, pensei. Mas o que ela me disse após é que me deixou intrigado. A agente comentou que daria um trabalho enorme, pois eram registrados

---

<sup>9</sup> Delegacia de Proteção à Mulher, à Criança e ao Adolescente. Esta delegacia foi fundada em 1985 e fica localizada no bairro da Agronômica, Florianópolis. DP é Delegacia de Polícia.

muitos boletins de ocorrência. O tempo consumido nesta pesquisa seria longo. Neste momento senti um pequeno calafrio, já que o tempo que eu tinha para pesquisar era curto. Saí da delegacia pensando que acabava de encontrar um dos velhos problemas dos pesquisadores, muito a se pesquisar para um tempo escasso.

Voltei à 6ª DP perto do meio-dia para falar com o delegado. Fui atendido pela mesma agente. Ela pediu para esperar que iria falar com o delegado e ver se ele poderia me atender. Voltou depois de uns 5 minutos e me disse para voltar na semana seguinte. Somente a partir da próxima segunda-feira perto das onze horas, ele me atenderia. Fui para casa bastante preocupado com essa situação. Pensei, e se o delegado não autorizasse eu pesquisar nos arquivos da delegacia? Ou se ele colocasse alguns empecilhos no sentido de atrasar o início da pesquisa? A resposta eu só teria na próxima semana, quando falasse com ele pessoalmente.

Na segunda-feira pontualmente onze horas eu estava na delegacia. Apresentei-me e solicitei falar com o delegado. O agente foi comunicar o delegado da minha presença. Fiquei ansioso, ele demorou a voltar, não foram mais que três minutos, para mim, uma eternidade. Quando o agente disse que era para eu esperar que ele já me chamaria para conversar, fiquei um pouco mais calmo. Pelo menos já teria a chance de expor a pesquisa para o delegado. Mesmo que ele não permitisse minha pesquisa no arquivo da 6ªDP.

Enquanto esperava ser chamado, fiquei observando o cotidiano de uma delegacia especializada em menores e mulheres. Chegou um carro do conselho tutelar de Florianópolis. A conselheira (supus naquele momento que fosse uma conselheira) adentrou à delegacia e iniciou uma conversa com o agente que a atendeu. Só consegui escutar quando ela afirmou que veio buscar um menor que estava na delegacia. Estava tão ansioso que nem escutar direito eu conseguia. Só consegui prestar atenção na porta que levava à sala do delegado. E ela se mantinha fechada, imóvel e inerte. Será que ele esqueceu de mim?

Abriram a porta e apareceu uma menina perguntando meu nome, rapidamente me apresentei. Ela sorriu e pediu que eu a acompanhasse. UFA! Chegou minha vez, o delegado me chamou. Fui seguindo a jovem, até ela me indicar a sala. Agradei a gentileza da jovem e entrei na sala. Com calma, pois ele ainda despachava com uma agente. Logo que ela saiu da sala, ele pede para que eu entre, entrei. De pronto ele já pede que eu sente, sentei. O delegado me olha e pergunta o motivo da minha intenção de pesquisar na delegacia, exponho as minhas intenções de pesquisa. Falo que sou aluno da UFSC e estou realizando um trabalho de conclusão de curso. Explico o tema e que é de grande importância pesquisar os BO'S que



tratam de violência escolar. Ele só escuta sem fazer perguntas. Termina minha fala e espero pela fala do delegado. Ele olha, e com calma e tranquilidade, afirma que estou autorizado a pesquisar. Sem nem fazer perguntas ou pedir qualquer documento que comprove meu vínculo com a Universidade. Fico feliz. Além de autorizar meu acesso aos BO'S, também coloca a estrutura da delegacia à disposição. Poderei utilizar o scanner para digitalizar os boletins de ocorrência. Isso facilita sobremaneira o levantamento, assim não será preciso tirar fotos dos documentos.

Rapidamente ele se levanta e me informa que vamos ao setor de documentação, já serei apresentado às servidoras que trabalham no setor de documentação. Caminho pela delegacia seguindo o delegado, quando vejo um pequeno jovem, um menino, não mais que 12 anos, algemado a uma barra de ferro parafusada na parede. A cena me causa certo estranhamento, passo olhando para o menino, este me olha com um olhar assustado. Chegamos à sala e sou apresentado à agente de polícia, rapidamente o delegado informa a ela que estou autorizado a pesquisar. Porém neste momento fico sabendo que a servidora que é responsável pelo arquivo trabalha no período vespertino. Informo que não tem problema, voltarei à tarde.

Sigo o delegado no caminho de volta. Passo novamente pelo menino algemado, faço um pequeno aceno com a cabeça; em resposta recebo um olhar triste e sem perspectiva do menino. Na porta da sua sala o delegado para e se despede, deseja-me boa sorte na pesquisa e adentra à sala. Eu me encaminho para a saída com um único pensamento. Foi mais fácil que imaginava. Por fim concluo, objetivo cumprido.

No final da tarde retornei à delegacia para conversar com a Andresa, servidora responsável pelo arquivo. Fui conduzido até sua sala. Ao chegar me identifiquei, ela foi bastante receptiva, perguntou sobre a pesquisa, o tema e objetivos. Ela me levou até a sala onde ficam os BO'S arquivados. A sala é muito arejada, organizada e os arquivos estão todos em caixas separada por ano. Andresa me informa que é nova na delegacia, então não foi ela que organizou os BO'S nas caixas, sendo assim terei que abrir e procurar em todas as caixas de 2013, ano em que concentro a pesquisa. Andresa se mostrou muito entusiasmada com a pesquisa, já se colocou à disposição para me ajudar na busca dos boletins de ocorrência que tratam de violência na escola. Mesmo ela tendo uma carga de serviço grande, ela se mostrou solícita em me ajudar. Despeço-me dela e saio contente com o atendimento recebido. Penso que as perspectivas são ótimas.

Retorno depois de alguns dias para efetivamente fazer a pesquisa. Chego à recepção da delegacia e peço para falar com a Andresa. Sou recebido por ela e já logo vamos à sala onde se encontra o arquivo. Entramos na sala e Andresa me mostra quais as caixas que estavam os Boletins de ocorrência relacionados ao tema da pesquisa. São três caixas, dentro delas há boletins de violência na escola e outras ocorrências. Sentamos em uma mesa e começamos a ler os BO's e separá-los. Andresa chama um estagiário para ajudar na tarefa, em três é mais rápido afirma ela.

Assim que o menino chega, explico para ela qual é o tema da pesquisa e quais BO's me interessam. Logo descubro que ele é filho de Andresa. Chama-se Luan. Trabalha na DP como estagiário.

O processo de pesquisa se resume em uma leitura dos Boletins de ocorrência e assim analisar se o mesmo trata do tema. Sempre que Andresa ou Luan tinham dúvida se o BO me interessava, eles liam em voz alta e eu determinava se sim ou não. Este processo ocorreu de forma relativamente rápida, em duas idas à delegacia consegui analisar todas as três caixas. A ajuda de Andresa e de Luan foram fundamentais para esta parte da pesquisa. Depois que todos os BO's foram encontrados e separados, foram digitalizados. Despeço-me agradecendo a ajuda e a presteza, sem dúvida uma etapa importante estava cumprida.

## **6. O QUE É VEICULADO NOS JORNAIS SOBRE VIOLÊNCIAS ESCOLAR?**

### **6.1 Quais foram os jornais pesquisados e uma breve história da sua existência.**

O objetivo deste trabalho é analisar quais os jornais impressos que circulam em Florianópolis publicam sobre a escola e mais precisamente sobre violências escolares. O intento é comparar essas reportagens com os boletins de ocorrência registrado na 6 Delegacia de Polícia da capital. Assim este capítulo tem o objetivo de fazer esta comparação e mostrar ao leitor alguns pontos importantes nesse processo de se divulgar o que acontece na escola, por exemplo, violência contra profissionais da educação é um tema com visibilidade na imprensa florianopolitana?

Conforme Nelson Werneck Sodré (1983) a história da imprensa se confunde com a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. Essa ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação que a difusão da imprensa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos. Assim concordamos com Sodré que a imprensa exerce uma influência sobre as pessoas no sentido de moldar a forma como elas se relacionam em sociedade.

A professora Joana Maria Pedro também é assertiva quando relaciona a difusão da imprensa com a expansão do sistema capitalista. Segundo Pedro "No ocidente capitalista, no século XIV, a 'troca de informações' desenvolveu-se na 'trilha da troca de mercadorias'; e, na década de 30 do século XIX, em países como Inglaterra, França e Estados Unidos, tornou-se uma empresa de economia privada destinada a gerar lucros" (PEDRO,1995, p.15).

Certamente toda esta proximidade tem proporcionado um protagonismo da mídia na sociedade ocidental contemporânea. Capitalismo e imprensa tem um laço de desenvolvimento muito forte e longo. Junte-se a isso o desenvolvimento no sistema de transporte e comunicação<sup>10</sup>.

A imprensa que se desenvolveu em Santa Catarina nas últimas décadas tem esta característica. Com a vinda da RBS para o Estado e conseqüentemente a presença da família Sirotsky dona da empresa de comunicação. O trabalho do pesquisador Daniel Piassa Giovanaz demonstra como a família Sirotsky teve benefícios concedidos pelos governantes catarinenses, e, mesmo ministros de Estado. Estas benesses foram essenciais para que os

---

<sup>10</sup> Uma discussão pertinente sobre esse processo é a dos pesquisadores Asa Briggs e Peter Burke no seu texto "Uma história social da mídia"(2006). Cabe citar o excelente trabalho da pesquisadora Marialva Barbosa "História Cultural da Imprensa" (2010) sobre o desenvolvimento da imprensa brasileira.

Srotsky conseguissem a liberação de um canal de televisão em Santa Catarina e fundasse o Diário Catarinense em 1986. Fazer

Para Daniel Giovanaz o DC foi fundado para ser mais um veículo jornalístico a serviço do bloco político conservador que governava Santa Catarina. Esperidião Amin era governador e foi ele quem cortou a fita de inauguração do Jornal. Nas palavras de Giovanaz,

O lançamento do Diário Catarinense, em maio de 1986, simbolizou o alinhamento da RBS com o bloco político conservador após a correlação de forças que marcou o fim da ditadura militar. Chefe de reportagem do jornal àquela época, Renan Antunes de Oliveira afirma que os critérios de noticiabilidade estavam à mercê dos interesses das elites locais desde a primeira edição, e que o interesse público sucumbia a relações de poder escusas que influenciavam na elaboração de pautas e na hierarquização dos conteúdos, por ordem da direção. (GIOVANAZ, 2015, pp.105-6).

Além desta fala do pesquisador que já retrata bem como são alguma das relações entre mídia e política, cabe a leitura do depoimento de Renan Oliveira que narra como foi feita a primeira matéria de capa do DC em 5 de maio de 1986.

Um sábado de manhã [3 de maio de 1986], o Armando Burd [primeiro editor-chefe do Diário Catarinense] me disse que precisava de uma manchete para a primeira página, porque o jornal começaria a ir às bancas. Nós tínhamos um cardápio de histórias engavetadas, grandes reportagens<sup>83</sup>. (...) Foi quando eu ouvi: “Tu vai entrevistar o governador sobre um dinheiro do exterior que veio para cá”. Eu disse: “Mas esse dinheiro é um empréstimo do Banco Mundial que já foi dado há muito tempo! Já foi, não vale nada!”. Mas era uma bala de prata: no primeiro número do jornal, uma manchete daquelas. (...) É óbvio que eu entendi, naquela hora, o que eles estão fazendo. (...) Fui ao Palácio e entrevistei o governador [Esperidião Amin], que estava me esperando. O discurso dele estava pronto. Ele me explicou praticamente rindo, dando a entender que logo mais iria cortar a fita inaugural do jornal, e que por isso a manchete tinha que ser dele. Ao final, disse: “Muito obrigado”. E, no fim das contas, não havia dólar nenhum: o que era para vir daquele dinheiro, já tinha vindo. Na verdade, nem fui atrás disso, não valia a pena. Era um factóide; mas tínhamos que dar a primeira manchete para o Amin. (...) E foi publicado, está lá. Eu mesmo assinei a matéria. (OLIVEIRA, 2015, apud GIOVANAZ, 2015, pp.106-7).

Sem dúvida a fala do jornalista é bastante estarrecedora, mostra algumas práticas de como se produz um jornalismo atrelado ao poder político conservador. A proposta é fazer um jornalismo atrelado aos ideais políticos que comandavam o Estado. Sem nenhuma preocupação com a verdade dos fatos e o respeito com o leitor. Este busca na imprensa uma das opções para se informar e se formar como cidadão.

O outro jornal pesquisado foi o Notícias do Dia. Este foi fundado em 13 de março de 2006. Bem mais recente que o DC, este jornal entra no mercado como uma alternativa aos florianopolitanos. Com o objetivo de mostrar notícias regionais e acessíveis. Este é um

periódico do Grupo RIC. O pioneiro foi Mário Gonzaga Petrelli que começou a trabalhar com mídia em 1975, ano em que comprou duas rádios, uma em Joinville e outra em Curitiba. Seu interesse por ter um canal de televisão o fez comprar diversas emissoras menores espalhadas em Santa Catarina e Paraná. A compra da TV Coligadas foi o primeiro passo em solo catarinense. Essa negociação incluiu o Jornal de Santa Catarina e a rádio Diário da Manhã.

Atualmente a RIC é coligada à rede Record de Televisão e tem abrangência em todo território catarinense. São seis afiliadas transmitindo o conteúdo em Santa Catarina.

## 6.2 As notícias veiculadas nos jornais

A pesquisa se concentra no ano de 2013, assim foram encontradas notícias de temas bastante diferentes relativos à escola e à violência na escola. Uma notícia que me chama a atenção no jornal é a publicada em, 28 de outubro, pelo Diário Catarinense. Esta trata das filas em escolas públicas para garantir a vaga. Pais passam o final de semana dormindo na escola, geralmente em cadeiras ou colchonetes, com o objetivo de conseguir uma vaga numa escola pública para seus filhos. O que chama a atenção na notícia é essa fala de uma mãe, ela explica por qual motivo se sujeita a dormir em cadeiras de praia na porta de uma escola com o intuito de conseguir uma vaga.

Segundo a mãe "O pessoal não quer matricular os filhos de noite com o medo da violência no entorno da escola" (DC, Geral, 28/10/13, p.36). Essa fala vai ao encontro do que já vimos a respeito da violência no entorno da escola. Pais preocupados com a segurança de seus filhos, principalmente sabendo que à noite o número de casos de violência tende a ser maior. Furtos, tráfico de drogas, violência sexual e assaltos são alguns exemplos de violências que leva os pais a passarem até dois dias dormindo na escola para poder conseguir matricular seus filhos no período diurno. Esse sentimento se agrava quando a área que a escola se encontra é considerada violenta.

As pesquisadoras Eloisa Guimarães e Vera de Paula que realizaram pesquisas com alunos e alunas que frequentavam as escolas paulistas no período noturno destacam que a violência que vinha da sociedade para a escola, principalmente as áreas que o tráfico de drogas tinha índice muito elevado. Segundo as autoras "As paredes da escola estavam repletas de pichações, representavam a disputa dos diferentes grupos pelo domínio dos espaços das escolas. Muitos meninos entravam armados."(PAULA; GUIMARÃES, 1992, p.128)

Não quero que fique subentendido que somente no período noturno ocorrem violências no entorno da escola. Esse problema é presente também durante o dia. Sem dúvida os alunos que estudam pela manhã ou tarde também podem ser vítimas. Outra reportagem com o tema de roubos e furtos nas redondezas das escolas foi veiculada pelo ND na data 9 e 10<sup>11</sup> de março de 2013. O título da reportagem é "Perigo na saída da aula". A notícia alertava que alunos são assaltados ou furtados em plena luz do dia no centro de Florianópolis. Bonés, celulares, Iphone e bolsas são os objetos mais procurados pelos gatunos. A reportagem

---

<sup>11</sup> Cabe destacar que o ND tem uma edição única para sábado e domingo. Assim, é somente um jornal para os dois dias. Neste caso sábado dia 09 e domingo dia 10.

destaca que não é difícil encontrar algum aluno ou aluna que já tenha sido vítima deste tipo de violência.

É muito comum que os termos roubo e furtos sejam comumente confundidos quanto seus usos. Grosso modo ambos os casos o objetivo é a apropriação indevida de objetos alheios. A principal diferença é que o roubo pressupõe a coação ou a atualização de alguma outra forma de violência em relação à vítima, enquanto o furto os objetos são subtraídos sem que a vítima perceba.

Outro aspecto destacado é que a polícia não consegue saber qual o número aproximado de casos destes tipos, visto que muitas vezes não é registrado BO. Segundo o delegado da 1 delegacia da Capital " Acredito que existem muito mais casos que registros na delegacia. Sem boletim de ocorrência fica difícil de encontrar os autores e as vítimas" (ND, Cidade,10/03/2013, p 27.) Sem dúvida este tipo de crime é muito frequente no centro de Florianópolis, contudo, na pesquisa feita na 6 DP, não encontrei nenhum BO referente a este tipo de violência.

Abramovay (2009) afirma que estes tipos de ocorrências são consideradas de pouca gravidade e praticamente se encontram banalizadas. Certamente a escola se mostra quase sempre de mãos atadas no sentido de enfrentar o problema. Algumas estratégias dos alunos para não serem vítimas é não levar objetos de valor para a escola, andar sempre em grupo e fazer caminhos diferentes.

Outra violência que a escola sofre é o vandalismo e a depredação. Estes tipos de atos são muito comuns quando a escola se encontra sem aula, por exemplo, de madrugada ou final de semana. Infelizmente muitos casos são efetuados por integrantes que moram na comunidade que a escola está localizada. A escolas são alvos dos mais diferentes tipos de depredação, dentre eles podemos destacar as pichações, quebra de vidro e jogar pedra no telhado.

A literatura tem entendido esses atos de vandalismo de diversas formas, dentre elas destaco a que mais me chamou a atenção a de Cárdua (2009) citado por Lucinda (2001).  
Veamos

O meio ambiente não permite prazer estático: os espaços coletivos, além de insuficientes, são tão desagradáveis e desvalorizados que agudizam o stress, impossibilitando um lazer saudável. Trazem ainda uma carga simbólica que representa a desvalorização atribuídas aos moradores. Como se sentirem valorizados, respeitados, importantes para a sociedade quando o lugar onde vivem é tão abandonado e feio? (CÁRDIA, 2009, p.29)

Na pesquisa nos jornais foi encontrado uma nota na coluna de Paulo Alceu retratando um caso de vandalismo na escola. Reproduzo a pequena nota na íntegra.

Uma escola municipal do bairro Santa Mônica, na capital, foi atacada por um vândalo provocando um prejuízo de 15 mil para reformas emergenciais. Imagina só, o inconsequente serrou o cano da caixa d'água que foi esvaziada, e defecou dentro para contaminá-la. Além de jogar uma camisinha. (ND, PAULO ALCEU, 05/07/2013)

Somente um BO tratando do tema vandalismo foi encontrado na pesquisa. Este foi cometido por alunos da própria escola no horário de aula.

Relata-nos o comunicante que é diretor da Escola Básica ..<sup>12</sup>, que depois do intervalo da aula no período da tarde passaram a sentir cheiro de plástico queimado, que o cheiro vinha do banheiro masculino, um funcionário foi verificar e viu dois adolescentes saindo do banheiro sendo que ambos riam, que em seguida o funcionário visualizou que o saco da lixeira pegava fogo, que não ocorreu danos a escola, que logo após os fatos tentaram falar com os adolescentes, mas não localizaram o adolescente ... na escola e o .....não quis falar sobre o assunto e nem permanecer na escola, que diante dos fatos comunicaram o Conselho Tutelar e vieram nesta Delegacia comunicar o ocorrido. (BO, 2013).

Sem dúvida é difícil compreender por qual motivo adolescentes tem este tipo de atitude no ambiente escolar. Lia Fukui (1992) acredita que a falta de conceito de bem público possa ser um dos motivos desses fatos ocorrerem. Para a autora uma possível solução seria a divulgação dos valores dos concertos aos prejuízos causados. Preservação do patrimônio deveria ser interesse de todos.

As violências contra a escola são muitas e isso é um problema sério a ser resolvido. A escola, contudo, também é produtora de violências contra pais, alunos e alunas. A violência que a escola produz pode apresentar-se das mais diferentes formas. Falta de um espaço adequado para a comunidade escolar exercer suas atividades de forma plena e segura. Paula e Guimarães quando pesquisaram as violências em escolas paulistas constataram que

... a violência maior era infligida pela escola aos alunos, o que ficava evidente pela depredação do prédio, pela destruição dos quadros negros, das carteiras e das lâmpadas. O banheiro estava sem iluminação, o que levava os alunos a utilizar o chão. Assim o "fedor" espalhava-se pela escola, atingindo as salas onde os professores estavam dando aula (PAULA; GUIMARÃES, 1992, p.128)

---

<sup>12</sup> Sempre que tiver 3 pontos (...) significa que o nome da escola ou pessoa foi suprimido. Esse processo se mostra necessário, pois não é nosso objetivo identificar a instituição ou a pessoa, seja adulto ou adolescente.



Isso demonstra que a escola, órgão de educação do Estado também um produtor de violência contra os seus frequentadores e usuários. Alunos e professores, por exemplo, são submetidos a condições insalubres em seus locais de estudo e trabalho. Muitas vezes suportando dar aula em uma sala com pouca iluminação, o quadro negro caindo ou quebrado, carteiras sem condições de uso, instalações sanitárias deficientes e outras tantas mazelas.

Essa situação deplorável da estrutura física de muitas escolas, principalmente as públicas, foi tema de algumas reportagens nos jornais pesquisados. Destaca-se que infelizmente que este tipo de situação é constantemente relatado pela mídia. O caso que pesquisamos mostra a crítica situação de uma escola na Grande Florianópolis. Esse caso foi noticiado pelos dois jornais pesquisados, e no ND foram três notícias publicadas.

A primeira notícia encontrada é de 01/11/2013, neste dia sai uma pequena matéria com o seguinte título " Justiça manda fechar escola em Palhoça", as péssimas condições físicas, falta de habite-se e alvará sanitário foram os motivos do fechamento. Mais de 1200 alunos ficaram sem aula por um período de nove dias. O jornal ND fez entrevista com o diretor da escola, com o secretário regional e com o gerente regional de obras. Vejamos qual o discurso empregado pelos agentes do Estado no sentido de explicar e amenizar o problema, principalmente se considerarmos que a escola é nova. Foi construída em 2008 e estaria dentro do prazo de carência da construtora, segundo o gerente regional de educação.

Segundo o gerente Regional de Educação "As aulas serão repostas pelos professores ainda no ano letivo corrente" (ND, 05/11/2013).

Para situar o leitor dos problemas físicos que uma escola considerada nova apresentava, vamos reproduzir um trecho da reportagem do dia 07/11/2013

As fechaduras e sanitários dos banheiros foram substituídos. Os azulejos foram repostos e as portas foram trocadas. A cozinha recebeu saídas de ar e tela de proteção. Falta arrumar o telhado do antigo refeitório. Os equipamentos preventivos de incêndio foram devidamente instalados, e agora os corredores contam com placa de sinalização de saída de emergência e extintores. (ND. 07/11/2016)

Infelizmente não é incomum encontrarmos escolas com estes problemas. Colocando em risco a vida dos que frequentam este local. Vale ressaltar que este tipo de tema repercuti nos jornais impressos, como foi dito acima, o ND escreveu três reportagens sobre a situação das escolas e acompanhou o andamento das obras. Inclusive com fotos coloridas publicadas em seu jornal.

Outra reportagem que trata do mesmo tema e merece destaque é a do dia 06/12/2013, também do ND. O título da reportagem é "Três das seis escolas interditadas em Palhoça podem reabrir". Essa reportagem afirma que no final do semestre letivo de 2013, no município de Palhoça, seis escolas estaduais estão interditadas pela justiça. O número de alunos sem aula passava de 6.000 (seis mil). Conforme texto da reportagem "A interdição, segundo o promotor Aurélio Giancomelli da Silva, da primeira promotoria de justiça de Palhoça ocorreu porque o Estado não cumpriu os mais de 30 acordos feitos com o Ministério Público". (ND, 06/12/2013)

Certamente as escolas se encontravam sem condições de oferecer segurança aos seus usuários. A Justiça precisou interditá-las para que um acidente não ocorresse. São essas formas de violência que a escola produz contra seus alunos, professores e corpo técnico pedagógico. O Estado, principalmente o poder Executivo, tem que ter mais zelo com o patrimônio e com as pessoas que nele passam parte do seu dia.

O ambiente escolar é um espaço onde diferentes culturas se encontram e convivem. Os seres humanos são diferentes, tem histórias de vidas diferentes. A regra é que essa convivência se dê da melhor forma possível. Relações cordiais e civilizadas, respeito mútuo, resolução das diferenças por meio do diálogo, hierarquia e autoridade respeitadas. Essas são as características dos ambientes educacionais. Certamente os professores e alunos desenvolvem amizade, os alunos com certeza estabelecem relações sustentáveis com seus colegas de classe e de escola.

Minha experiência como professor me mostrou que os alunos veem o professor e professora como um exemplo. Assim eles desenvolvem um sentimento saudável em relação àquela pessoa que tem a função de educador. Essas relações harmoniosas, contudo, podem apresentar cenas não desejáveis para um ambiente de ensino. Ações ou atitudes violentas, agressivas e opressoras rompem com o sentimento de uma escola segura. O ambiente se torna hostil e perigoso.

Esta recorrência traz um sentimento de que há uma "banalização do mal" (ARENDDT, 1994). A comunidade escolar fica imersa num clima de tensão e medo. As relações que eram tranquilas e cordiais, tornam-se ásperas e avessas à amizade. Muitos profissionais da educação têm sido vítimas, com o número crescente de casos, de violências praticadas por alunos e pais e mães de alunos. Segundo Rocha

A multiplicidade de violência contra profissionais da educação não pode ser pensada longe da crescente desvalorização da carreira docente e da produção de imagem

negativa da profissão, da falta de reconhecimento da sua importância social, da incompreensão dos sentidos dos conteúdos escolares, ao mesmo tempo em que se intensificam medidas paliativas para a formação desse profissional, que vão desde cursos emergenciais até a contratação de mão de obra leiga para atuar nos estabelecimentos de ensino. (ROCHA, 2010, p.154)

Essa confirmação que o profissional da educação enfrenta uma crise de representatividade e reconhecimento pela sociedade de forma geral reflete diretamente no ensino. Essa desvalorização da carreira do magistério tem levado a muitos profissionais a abandonarem a sala de aula. Há um assédio constante e multidirecional contra os profissionais da educação.

Vólia Bonfim Cessar, juíza do trabalho, afirma que a condição trabalhista do professor é degradante e leva ao adoecimento de muitos professores e professoras. Nas palavras da juíza

Os baixos salários, o sentimento de desvalorização do trabalho, a falta de respeito dos alunos contra os professores, pois retiram sua autoridade em sala de aula, a ingerência dos pais na atividade acadêmica, além de outros fatores, tem levado professores a adoecerem física e psicologicamente.

O assédio horizontal ou ambiental ocorre quando a vítima é exposta a situações constrangedoras, estressantes, humilhantes ou inoportunas pelos colegas ou por terceiros (no caso, alunos e pais de alunos). A vítima é hostilizada com investidas, provocações, violência, agressões, atos desrespeitosos, atos ilegais e piadas de forma a caracterizar alta nocividade no ambiente de trabalho. Os atos praticados quase sempre têm o intuito de prejudicar, pressionar ou desestabilizar a vítima. (CESSAR, 2009, p. 1)

O Estado, que é o empregador, e por isso deveria prezar pela saúde física e mental do seu trabalhador, muitas vezes não tem essa preocupação. Além do mais, muito contribuiu para que a situação se agrave, há uma perversidade nas relações de trabalho. A autoestima do empregado é empurrada para baixo e a qualidade do seu trabalho diminui, o empregador observando esse acontecimento, coloca-se a cobrar cada vez mais a produtividade, eficácia e eficiência do profissional. Novamente Cessar é elucidativa quando afirma que

O empregador coloca em xeque a autoestima do empregado, a confiança em seu trabalho e sua competência. Esse passa a acreditar que é o causador dos problemas, que executa um péssimo trabalho, sem serventia a qualquer um. Algumas vezes sente-se perseguido e isolado. É comum o empregado assediado pedir demissão, aposentar-se, afastar-se para tratamento por problemas psicológicos, psiquiátricos ou lançar-se às drogas. A depressão é apenas uma das consequências do assédio moral ambiental. (CESSAR, 2009, p. 1)

É triste constatar que esse tipo de situação não é exclusivo da escola pública e nem particular. Estas relações trabalhistas estão inseridas em todas as formas de trabalho. Relações desproporcionais entre empregado e empregadores, falta de respeito às leis trabalhistas, opressão do trabalhador, espoliação da força de trabalho são situações corriqueiras<sup>13</sup>.

Neste sentido a violência física é uma das formas que mais atinge os profissionais da educação. Na pesquisa nos jornais encontrei uma reportagem que trata do tema e uma opinião do jornalista Paulo Alceu. A reportagem se refere a uma agressão sofrida por uma diretora de uma escola da Grande Florianópolis. A notícia não está na íntegra, reproduzo abaixo somente a parte que relata os fatos.

As aulas da Escola Municipal ... foram suspensas nesta sexta feira. O motivo foi uma agressão sofrida pela diretora da instituição. Segundo informações da assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Educação, a agressão ocorreu pela manhã. Um adolescente da oitava série teria cometido o ato. Após o intervalo, o aluno não voltou para a sala de aula e ao ser identificado nos corredores da instituição, foi encaminhado para a direção. Ao chegar na sala da diretora, o aluno teria iniciado agressões verbais contra a diretora, que solicitou apoio da Guarda Municipal e da Polícia Militar. Ao verificar que a polícia estava a caminho da escola, o estudante perdeu o controle e agrediu fisicamente a diretora. (ND, 09 e 10/03/2013, p. 6/7)

Esse tipo de violência, infelizmente, fere não só fisicamente, mas moralmente e psicologicamente. Um profissional é agredido no seu local de trabalho. Tem que ir na delegacia registrar um BO<sup>14</sup>, já que essa é uma atitude extrema. Como pode-se observar na leitura, a violência física vem em decorrência de a diretora chamar a polícia. Mas o que mais me impressiona na situação é o motivo original que levou o aluno para a diretoria. Cabe aqui uma reflexão acerca da "banalização da violência".

Diversos BO's foram encontrados quando o tema é agressão aluno-professor ou mesmo professor-aluno. Vejamos,

Relata-nos a comunicante que é professora do ... onde leciona na sexta série que na data de hoje o aluno .... lhe agrediu com um tapa no rosto, que não houve motivo aparente para a agressão, que já existem outros casos de violência e indisciplina envolvendo o adolescente, que comunicou o fato a direção da escola. (BO, 2013).

---

<sup>13</sup> Para saber mais sobre o tema exploração da força de trabalho, consultar os trabalhos do professor Ricardo Antunes, principalmente "Adeus ao Trabalho?" e "América continente do Labor."

<sup>14</sup> Este BO não foi localizado na pesquisa na 6ª DP.

Este caso exemplifica a dura condição de trabalho que o profissional da educação se depara. Mesmo o professor sendo uma vítima dessa comunidade escolar violenta, este profissional pode se apresentar como um reproduzidor dessas violências. Isso acontece quando ele ofende verbalmente um aluno, um colega de profissão e até mesmo um pai ou mãe. Um professor pode muitas vezes, também, ser omissivo em ver a violência praticada por outros agressores. Sendo assim, encontramos em nossa pesquisa na Delegacia alguns BO's que tratam sobre estes fatos. Vamos a eles,

Relata a comunicante que seu filho .... de 12 anos foi agredido fisicamente e verbalmente pela professora .....

Que esclarece que seu filho empurrou uma cadeira para poder passar e a professora achou que ele tivesse chutado a cadeira. Então ela pegou a vítima pelos braços e a conduziu até a sala da direção. Que na sala da direção a autora apertou o rosto de seu filho mandando ele calar a boca e disse que iria chamar a polícia. Informa que a autora já agrediu outras pessoas dentro do colégio. Acrescenta que a aluna .... e a diretora estavam presentes no momento do ocorrido. (BO, 2013)

Existem situações em que, além da negligência, constatam-se violências simbólicas na ameaça ao aluno, ou seja, a autoridade do professor parece estar sendo substituída pelo autoritarismo ou abuso que o cargo confere poder sobre o aluno.

Relata seu filho de nome ... de 6 anos foi ofendido verbalmente pela professora do projeto onde ele estuda, a professora .... a qual disse para o esposo da comunicante e pai do menino que disse que o menino 'é um futuro marginal e traficante' . Não sabe o nome completo da autora, sabe apenas que ela é professora de um projeto de reforço para crianças em alfabetização. Que quer representar criminalmente contra a autora. (BO, 2013)

E muitos são violências físicas descabidas para um profissional,

Que a vítima estuda no colégio ... e na data e horário informado foi agredida pela professora ..., com um soco nas costas; que vítima estava brincando com seus amigos e tinha levado um soco de um menino de quatro anos e quando foi contar para a referida professora levou um soco nas costas, tendo está dito que a vítima merecia. Que não é a primeira vez que tem reclamação da referida professora. Que a comunicante procurou o conselho tutelar e efetuou uma denúncia, tendo o conselheiro ... indicado que efetuasse um registro neste especializada. Que a referida professora já vem ameaçando a vítima desde o ano passado. (BO, 2013)

Há outros relatos de agressão, porém estes já se mostram suficientes para percebermos que o professor pode ser um produtor de violências. Há um descompasso entre a percepção dos profissionais das escolas e das famílias sobre violências, o que para a família é grave e

demanda proteção e atitude dos profissionais, para a escola fica secundarizado, passando a ser visto com naturalidade, mesmo em caso de violência física explícita.

Alguns dos casos apresentado a seguir são violências praticadas entre alunos e alunas. Veremos que as relações amigáveis entre os jovens, em certas situações, podem se transformar em violência.

Relata o comunicante que seu filho, ora vítima, vem sofrendo bullying dentro e fora da sala de aula. Que os professores e coordenadores da referida escola já foram informados por diversas vezes, que a prática de bullying continua ocorrendo e o rendimento da vítima vem decaindo. ....

Que nota que o comportamento da criança em casa tem mudado e anda muito calado e triste... que a prática de bullying ocorre exclusivamente com um aluno da mesma sala; que a vítima foi agredida fisicamente por diversas vezes, sendo que o último episódio ocorreu na data de ontem, que numa ocasião o referido colega deu soco na boca e a criança teve que ser atendida num dentista para descolar os lábios do aparelho ortodôntico. Que por diversas vezes a vítima foi atendida no próprio pronto socorro do colégio e além disso ocorreram diversas agressões verbais e intimidações prejudicando o desempenho escolar e trazendo diversos constrangimentos. (BO, 2013)

Essa é uma "violência dura" (ABRAMOVAY, 2015) praticada contra um menino por seus "colegas" de classe. Diversos pontos chamam a atenção neste BO. Primeiro a força da frase "descolar os lábios do aparelho ortodôntico". Fico me perguntando a força empregada pelo agressor contra a vítima para chegar a este ponto de colar os lábios no aparelho ortodôntico.

Outro aspecto é que por diversas vezes a vítima já fora atendida na enfermaria do colégio. E nada foi feito pela escola para que as agressões cessassem? A escola não tomou nenhuma providência para que o jovem aluno não fosse mais humilhado pelos colegas? E a família não se prontificou a ir na escola em outras ocasiões para ver qual era o problema com seu filho? Perguntas como essas são pertinentes, contudo, não as terei condições de respondê-las.

As brigas entre alunos não são incomuns no ambiente escolar, triste é ter que constatar que elas são frequentes, e tem crescido entre as meninas. Nas palavras de Abramovay (2015), atualmente as agressões físicas não são particularidades do sexo masculino, posturas agressivas do sexo feminino tem se mostrado mais presentes. A autora afirma que

Nota-se que, na prática, as mulheres apontam a agressão física como instrumento de auto afirmação e não necessariamente contrapõe atitudes agressivas a uma postura que contraria os atuais ditames da feminilidade. Demonstrar agressividade, embora tradicionalmente tenha sido uma postura que contrariasse as expectativas de gênero,

parece conformar atualmente, em alguns discursos, posturas também possíveis para o feminino. Não correspondiam, de acordo com tais percepções, a um tipo de feminino corrompido ou marginal, passando a ser algo progressivamente incorporado entre as identidades femininas (ABRAMOVAY, 2015, p. 372)

Vejamos o boletim de ocorrência abaixo sobre a violência manifestada por meninas,

Relata-nos a comunicante que sua filha ... foi agredida fisicamente pela adolescente ...(16 anos), no período matutino no Colégio ..., que a comunicante veio registrar a ocorrência, pois o estabelecimento de ensino não tomou nenhuma providência até o registro dessa ocorrência, inclusive a vítima disse que vários alunos e funcionários do colégio viram o fato e não fizeram nada. (BO, 2013).

Além da violência praticada por uma aluna a outra, é perceptível a omissão da escola em relação aos fatos. No relato a comunicante afirma que alunos e funcionários do colégio não fizeram nada. Não há como saber se o fato ocorreu dentro ou fora da escola, mas independente do local um funcionário não pode ver esse tipo de agressão entre alunas do colégio que trabalha e ficar inerte, insensível e não tomar uma atitude de interromper a violência.

Que a vítima estuda no colégio no centro da Capital e que tem sido perseguida por outra estudante, de nome ..., a qual estuda na mesma sala da vítima. Que na data de ontem a vítima foi agredida pela agressora, esta puxou o cabelo, jogando-a no chão, o que resultou em arranhões na testa. Que foram separadas pelo zelador do colégio. Que em seguida na sala de aula ... partiu pra cima novamente, tendo sido separada por uma funcionária da limpeza. Que não sabe por qual motivo .... está perseguindo a vítima, mas afirma não provocar a agressora. Que ... tem o hábito de agredir outras meninas. Que a mãe da vítima foi até o colégio e procurou a direção para saber do caso, sendo atendida pela Coordenadora ..., a qual deu opção de transferir a vítima de turno; Que fora isto o colégio não tomou providências alguma quanto a agressora, nem sequer a chamou ou comunicou seus pais. (BO, 2013)

Este relato é interessante principalmente pela atitude tomada pela escola. A sua proposta de solucionar o problema. Transferir a vítima para outro turno. Com isso a vítima ainda é mais violentada, pois é ela que terá que mudar seu horário de ir para a escola, e, assim sua rotina; ela que deixará de conviver com os amigos de sala e escola. E quanto a aluna que a agrediu, segundo o relato do BO, não houve qualquer tipo de atitude. A escola parece ter escolhido uma via mais fácil de "resolver" a situação.

Não somente alunas são agredidas por alunas, mas pais agredem alunos que estudam na escola de seus filhos. Esses casos são, segundo pesquisa na Delegacia, mostram-se menos frequentes que os casos de agressão entre alunos e alunas. Esses casos, apesar de serem mais

incomuns, são, na minha ótica, são graves. As agressões entre alunos já não são inaceitáveis, fico refletindo o que leva um pai ou mãe ir na escola para agredir outra criança.

O adulto tem que ter um pensamento de não a violência, os casos podem ser resolvidos com uma conversa com a direção da escola e com os pais da outra criança envolvida. Mas encontramos BO's de pais que agredem outras crianças. Relatos como este "Relata que sua filha de nome ... foi agredida fisicamente com um puxão de cabelo e neste ato a filha da comunicante bateu com a cabeça na parede. Que a agressora é mãe de um aluno da escola. A agressora se chama ..." (BO, 2013). Cabe informar que a vítima tinha apenas 10 anos.

O caso que vamos analisar agora se refere a, na minha visão, há um caso de violência policial praticada dentro do ambiente escolar. Creio que estas situações não sejam tão rotineiras quanto as violências discutidas acima, contudo é de uma agressão impressionante. A força física aplicada contra os estudantes por agentes da Polícia Militar, que são representantes do Estado.

A entrada de PMs na escola só se justifica quando a escola não tem mais meios legais de solucionar o caso. Essa entrada, contudo, tem que ser bem planejada e com limites no emprego da força, principalmente contra alunos e alunas que o maior "crime" cometido é a indisciplina. Não quero afirmar que quando um crime esteja acontecendo no interior da escola a polícia não seja chamada. Uma das funções da polícia é manter a ordem social e proibir a execução de crimes, independentemente do local.

Na data de 20 de agosto de 2013, o jornal ND publica uma reportagem de capa com o seguinte título de capa: "PM usa Taser para controlar aluno assim

Depois de algemar um estudante de 17 anos na sala de aula, sob alegação de que o garoto estava alterado, um policial do 22 BPM (Batalhão de Polícia Militar) efetuou três disparos de pistola Taser – arma que dispara choques elétricos - diante do professor e do resto da turma. O garoto desmaiou e quando acordou, reagiu para não ser apreendido e levado à delegacia. Neste momento, recebeu mais dois tiros de pistola de choque( no portão da Escola ... Que a confusão ocorreu depois do recreio, por volta das 10h de ontem. Os colegas do garoto atingido se revoltaram com a truculência, se retiraram da sala de aula e vaiaram os policiais. No portão vários alunos protestaram contra a atitude da guarnição. ... Duas alunas de 13 e 16 anos, que saíram em defesa do colega, vaiaram a guarnição e foram apreendidas por desacato. As aulas foram suspensas no período da manhã. (ND, 20/08/2013, p 26)

O caso infelizmente segue uma série de violências policiais, outros alunos que não aceitaram a maneira como o caso foi conduzido pela Polícia Militar se envolvem e também são vítimas das agressões. Diversos BO's foram registrados, tanto pelos militares,



quando por alunas agredias pelos militares e também por uma testemunha que, possivelmente, trabalha na escola.

Vamos ao depoimento prestado pela testemunha na delegacia de polícia,

Relata a comunicante que viu ... alterado, que tentou conversar com este e não quis conversa, que ficava fazendo ameaça aos demais alunos, que foi para a sala de aula e perturbava a aula com som ligado e ficava perambulando pelos corredores do colégio, que não atendia a ordem de nenhum professor, que acionou a PM pois ninguém conseguiu conter o adolescente, quando a polícia chegou ao local este estava fora da sala e retornou para esta, foi solicitado a sair da sala, mas dizia que os policiais não o tiraria dali "pois sou JUDOKA, vocês não vão me pegar" dizia .... Os policiais entraram na sala para pegar o adolescente e este fugia dos policiais atirando mesas e cadeiras contra os policiais, então só conseguiram conter o adolescente com uma arma de choque. (BO, 2013)

Os policiais que atenderam a ocorrência também prestam um BO's contra o estudante. Aqui cabe salientar a quantidade de "crimes" que o aluno cometera; Lesão corporal dolosa contra homem; dano; desacato e perturbação do sossego no trabalho. Leiamos o BO efetuado por um policial presente na ocorrência

Relata o comunicante, que é policial militar, que sua guarnição foi acionada via COPON para atender a uma ocorrência de que um adolescente estava perturbando os professores no referido colégio. Que quando chegaram ao local dos fatos o adolescente ficou alterado, desafiou os policiais dizendo que era JUDOKA e que ninguém iria pôr a mão nele, reagiu à prisão, incitou a população contra os policiais, usava palavra de baixo calão: como policiais filhos da puta, entre outros xingamentos, que chegou a lesionar os policiais e quebrou a viatura 3092 que conduzia o adolescente para o DP outras duas viaturas ficaram no local por solicitação da diretora do colégio, pois ficou com medo de represália por parte de alguns alunos. Que neste momento ... e ... xingavam e incitavam os demais alunos contra a guarnição que ali ficou para apoio no colégio (vtr 5037 e 3037) então todos foram conduzidos a esta DP para as devidas providências inclusive representantes do colégio (BO, 2013)

A leitura deste relato nos leva a conhecer fatos que a reportagem do DC não mencionou, e, que o relato da testemunha lido acima também não mencionou. Por primeiro salientamos o detalhamento e a riqueza de detalhes que apresenta. Sem dúvida, na parte de narração dos fatos, é o mais bem elaborado BO encontrado na pesquisa, mais completo de minúcias.

Relata o policial que o adolescente estava perturbando os professores e que reagiu à prisão. Que no local da ocorrência tinham três viaturas. Se cada viatura tinha dois policiais, havia no momento 6 policiais adultos para conter um adolescente. Policiais são minimamente treinados em defesa pessoal, além disso são preparados na academia de polícia para resolver

conflitos sem utilizar violência. Armas de fogo só são utilizadas em último caso, armas menos letais têm que ter critério para utilizar.

Aqui cabe a reflexão, será que seis policiais preparados e adultos precisavam atirar com uma arma de choque para conter um aluno que estava desarmado? Presumo que não. Um aluno que não portava uma arma de fogo, faca, estilete ou canivete, precisava ser contido com uma arma de choque? E mais, preso como afirma o policial.

O diretor da Escola deu uma entrevista para o DC no dia 20/08/2013 e quando questionado sobre a atitude dos policiais, afirma que "Fiquei bastante transtornado por ver isso com um aluno. Jamais ia esperar que fosse acontecer dentro de uma escola. Acho que haveria outras maneiras de contornar a situação. Eu agiria de outra forma".(DC, 20/08/2013)

O diretor do colégio afirma na reportagem, que não concordou como os policiais conduziram a ocorrência. Essa não concordância, contudo, não foi efetivada em atos no momento que os fatos transcorriam. Ele como diretor da unidade de ensino, vendo seu aluno ser violentado pelos policiais, tem autoridade de fazer com que as agressões não prosseguissem ou mesmo nem tivessem iniciado.

A conselheira do Conselho Tutelar que orientou o diretor chamar a Polícia Militar se defende afirmando que era para ser chamada a Ronda Escolar, que são os policiais capacitados para atender este tipo de ocorrência, e não os policiais que fazem o patrulhamento das ruas. (DC, 21/08/2013, p 26)

Já que há uma Ronda Escolar, por qual motivo os policiais que atenderam a ocorrência não solicitaram a presença desses profissionais para conduzir os procedimentos?

Na matéria o secretário da Educação de Santa Catarina, Eduardo Deschamps, afirma que o fato era isolado e "que todos os procedimentos pela escola estão dentro do padrão". (DC, 21/08/2013, p 26).

A PM também se manifestou através dos jornais acerca do caso. A fala de um oficial da PM é estarrecedora. Segundo o Oficial " O garoto estava muito agitado, e os policiais estavam mais preocupados em tranquilizá-lo do que prendê-lo"( ND 20/08/2013)

Além do aluno que foi preso, já que, segundo os policiais, eram um JUDOKA, foram conduzidas para a 6ª DP, duas alunas que são irmãs. Estas são amigas do aluno e que

questionavam os policiais pela maneira que estavam lidando com a situação. Essas fizeram um BO contra os policiais por abuso de autoridade. Segundo o BO as alunas afirmam que,

Relata que é amiga de Alexandre, e que presenciou com sua irmã ... o mesmo ser atingido por armas de choque pelos policiais militares, que indignadas com a atitudes destes estas começaram a ponderar e reclamar, questionando a ação dos militares; nisso, os dois destes mandaram a comunicante e sua irmã calarem a boca, que em seguida estas foram para o interior da escola, e no interior da escola esta foi detida a força pelos soldados e conduzidas à esta DP. (BO, 2013)

Relata a comunicante (irmã da vítima) que ... foi lesionada por um dos policiais que atenderam a ocorrência (VTR 3092) vindo a desmaiar, que o Diretor do colégio foi acionado para prestar socorro e não atendeu, que a vítima foi socorrida por pessoas que estavam nas proximidades e acionaram o SAMU, que o SAMU chegou ao local, mas a vítima já estava consciente. (BO, 2013).

Toda essa violência foi cometida contra um aluno que é visto pelo diretor e pelos colegas como um bom aluno. O diretor elogia o menino na entrevista que concedeu ao DC. Quando questionado sobre o comportamento do aluno na escola, as palavras do diretor são " Sempre foi um ótimo alunos, com boas notas e educado" (DC, 20/08/2013). A mãe do aluno corrobora com a afirmação do diretor e relata o estado físico que sem encontra o adolescente. "Ele está todo machucado, deram vários choques. Essa arma já matou pessoas. Se meu filho fizesse alguma coisa errada ele não iria bem na escola nem no judô" (DC, 20/08/2013).

Este caso para mim é o mais marcante da pesquisa e do trabalho. Sem dúvida fiquei impressionado com as violências praticadas pelos policiais, pela omissão do diretor, visto que poderia ter tomado uma postura mais ativa frente as agressões contra o aluno, e também pela indisciplina do aluno. Já que não queria obedecer as regras da escola.

Esta notícia foi capa nos dois jornais e renderam ampla visibilidade, visto que ocuparam duas páginas em cada periódico. Foram publicadas no mesmo dia e tem visões e argumentações parecidas. O ND foi o que mais contestou a atitude da polícia, já o DC tentou focar mais na relação do aluno com a escola.

Por fim, as palavras do jovem agredido ao DC sobre como se sentia naquela manhã são "EU ESTAVA FELIZ, NÃO DOGRADO".

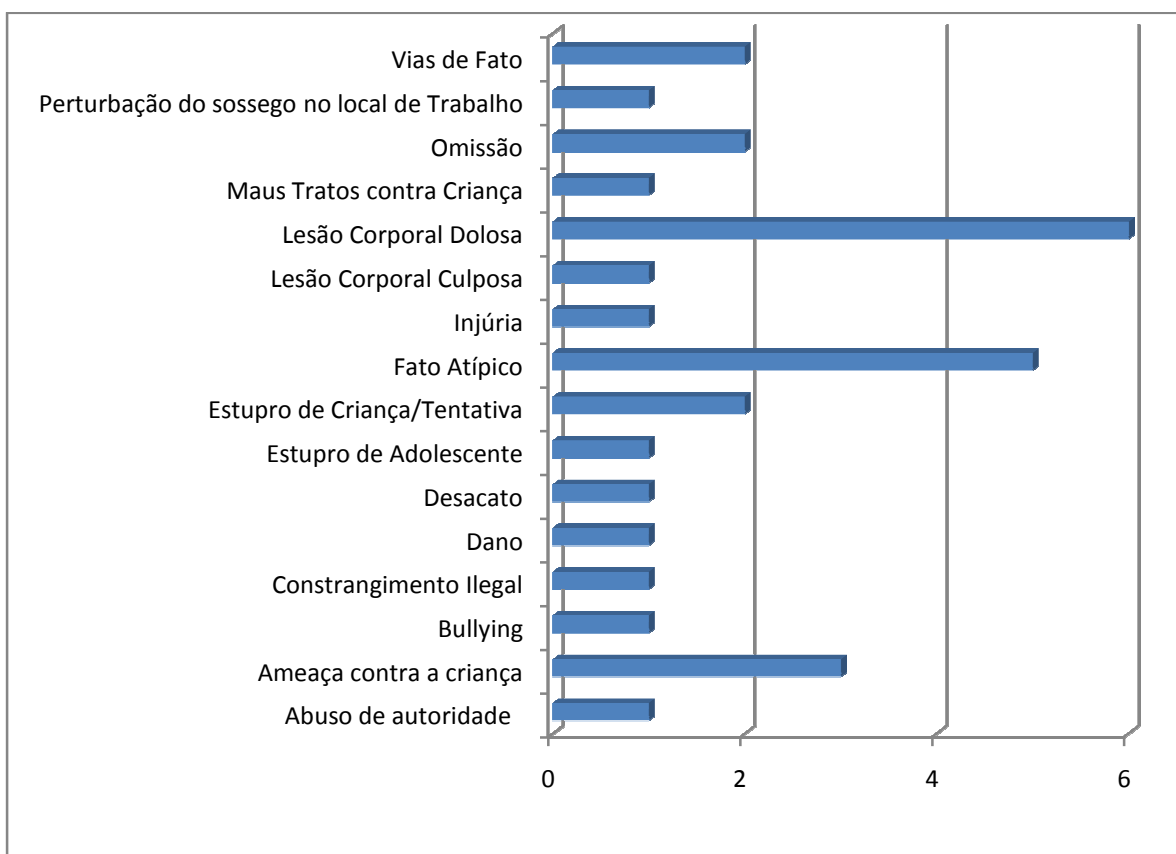
Abaixo foi elaborado um gráfico com as ocorrências registradas na 6ª DP. Este facilita a compreensão do problema que é a violência escolar.

**TABELA 1**

**OCORRÊNCIAS SEGUNDO DEFINIÇÃO DOS BOLETINS DE OCORRÊNCIA**

Abuso de autoridade	1
Ameaça contra a criança	3
Bullying	1
Constrangimento Ilegal	1
Dano	1
Desacato	1
Estupro de Adolescente	1
Estupro de Criança/Tentativa	2
Fato Atípico	5
Injúria	1
Lesão Corporal Culposa	1
Lesão Corporal Dolosa	6
Maus Tratos contra Criança	1
Omissão	2
Perturbação do sossego no local de Trabalho	1
Vias de Fato	2

**Gráfico 1. OCORRÊNCIAS SEGUNDO DEFINIÇÃO DOS BOLETINS DE OCORRÊNCIA**



## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa que desenvolvemos, teve como objetivo principal analisar os discursos acerca das violências escolar nos jornais impressos da cidade de Florianópolis, mais precisamente DC e ND. Investigamos qual a abordagem destas notícias e qual a visibilidade que este tema tem nos jornais pesquisados. Pesquisamos os jornais no ano de 2013 e constatamos que há pouca visibilidade há violências escolar.

O trabalho foi elaborado com base em duas fontes primárias, as reportagens dos jornais e os boletins de ocorrência registrados na delegacia especializada de Florianópolis no ano de 2013. Neste documento os profissionais da educação, pais e alunos relatam as violências sofridas por eles ou por seus filhos, alunos das escolas. Essa leitura foi fundamental para entendermos e percebemos como esse fenômeno da violência se expressam no ambiente escolar.

Uma análise da violência foi feita no capítulo primeiro. Constatamos que a violência tem se manifestado na humanidade desde seu início. Hanna Arendt chama a atenção para a pouca importância que este tema tinha até pouco tempo. A autora demonstra como o estudo da violência presente na sociedade não tinha muitos adeptos e estudiosos. A leitura dos trabalhos de TheophilosRifiotis foi fundamental para compreendermos como a violência é explorada nos jornais. Seu artigo "Violência policial e imprensa: o caso da Favela Naval" nos guiou na leitura das reportagens sobre violências nos jornais.

A professora Miriam Abramovay com seus livros acerca das formas de violências na escola. Aprendemos que as violências podem ser contra a escola, da escola e na escola. As violências na escola são aquelas que se produzem dentro do espaço escolar, sem estar ligadas à natureza ou atividades administrativas da instituição escolar. A violência contra a escola é aquela que a escola é atacada, principalmente sua estrutura física, por exemplo, vandalismo e pichações. Por fim, a violência da escola, que é uma violência institucional, essa se manifesta através dos seus agentes, por exemplo, professores e diretores.

A análise dos jornais como fonte para o historiador foi embasada nos estudos da professora Tânia Regina de Lucca. Sem dúvida os jornais se mostram como ótimos documentos para perceber a sociedade. É preciso ter olhar apurado para não cometer incongruências de análise. O jornal não é um produtor de verdades, mais sim apresenta um olhar acerca dos fatos, este que tem múltiplos olhares e "verdades".

A leitura dos BO's foi sem dúvida bastante elucidativas, ao mesmo tempo intrigante e desafiadora. Ali podemos perceber os diversos relatos de pessoas violentadas no seu local de trabalho e estudo. A escola como um ambiente violento mostrou a sua cara. Percebemos que os professores são vítimas de seus alunos, que os alunos são vítimas de outros alunos e que os professores vitimam alunos. Assim, a violência se mostra multifacetada e multidimensional.

O papel do pesquisador tem como tarefa encontrar novos desafios e perceber que todo seu trabalho apresenta limites. Sempre a pesquisa poderia ter outra trajetória, as leituras poderiam ter sido outras, o tempo é um eterno limitador e temos a sensação que poderíamos ter explorado e avançado mais no tema. Este estudo não foi diferente. Este trabalho, contudo, apresenta algumas conclusões. As violências escolares são problemas complexos e multidisciplinares, simplesmente a ação repressora da polícia não nos parece o caminho correto. Os jornais não externam para a sociedade as violências do ambiente escolar. Novas práticas pedagógicas precisam ser pensadas e implementadas no sentido de conter as violências escolares.

Esta pesquisa me proporcionou conhecer um pouco mais sobre um tema que é importante e polissêmico que tem afetado a todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**. Flacso Brasil. 2015. Disponível em <http://flacso.org.br/files/2015/08/Violencias-nas-Escolas.pdf>

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Escola e violência** – Brasília: UNESCO, 2002(a).

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. 3. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2002(b).

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília, DF: Secretaria do Estado da Educação, 2009.

ABREU, Alzira Alves de. **A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. 199p

AQUINO, Júlio Groppa. A desordem na relação professor aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 10. ed. São Paulo: Summus, 1996. 149p.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994. 114p.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa: Brasil - 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRIGGS, Asa,; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 377 p.

BURKE, Peter. **A escola dos ANNALES (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história: novas perspectivas**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1992. 354p

CESSAR, Vólia Bonfim. Professores sofrem violência sem medida. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 set. 2009. Disponível em: <http://campodeassuncao.blogspot.com.br/2009/10/professores-sofrem-violencia-sem-medida.html>. Acesso em 28 de novembro de 2016.

CHALHOUB, Sidney. O conhecimento da História, o Direito à Memória e os Arquivos Judiciais. In: Curso de Formações de Multiplicadores em “Políticas de resgate, preservação, conservação e restauração do patrimônio histórico da Justiça do

Trabalho no Rio Grande do Sul”. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://iframe.trt4.jus.br/portalttr/htm/memorial/index.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

FUKUI, Lia. Segurança nas escolas. In: PAIVA, Vanilda Pereira; ZALUAR, Alba. **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1992. 136p.

GIOVANAZ, Daniel Piassa. **Da conquista do canal 12 à compra do jornal A Notícia**: as articulações políticas que consolidaram o oligopólio da RBS em Santa Catarina. 2015. 289 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0542-D.pdf>>

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GUIMARÃES, Eloisa. PAULA, Vera de. Cotidiano escolar e violência. In: PAIVA, Vanilda Pereira; ZALUAR, Alba. **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1992. 136p

LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza; CANDAU, Vera Maria. **Escola e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. 93 p.

PAIVA, Vanilda Pereira; ZALUAR, Alba. **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1995. 136p

PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado**: a imprensa de Desterro no século XIX . Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

RIFIOTIS, T. 1999. "Violência policial na imprensa de São Paulo. O leitor-modelo no caso da Polícia Militar na Favela Naval (Diadema)". Revista São Paulo em Perspectiva (Fundação Seade, São Paulo), 13(2): 28-41.

RIFIOTIS, T. "Dilemas éticos no campo da Violência". Revista Comunicação e educação. USP, São Paulo, 1998.

ROCHA, Júlia Siqueira da. **Violências na escola**: da banalidade do mal à banalização da pedagogia. Florianópolis: Insular, 2010.

SODRE, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.



## REFERÊNCIA DAS FONTES PRIMÁRIAS

Boletim de ocorrência nº 00140-2013- 00454, data 08/03/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-00691, data 12/04/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013- 00739, data 17/04/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-00891, data 08/05/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013- 00900, data 09/05/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-00971, data 21/05/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01025, data 29/05/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01527, data 19/08/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01529, data 19/08/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01530, data 19/08/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01593, data 27/08/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01614, data 28/08/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01627, data 30/08/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01691, data 03/09/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01773, data 12/09/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013- 01886, data 24/09/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01918, data 27/09/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01928, data 27/09/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-01931, data 28/09/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013- 02032, data 07/10/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-02198, data 23/10/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-02253, data 01/11/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-02263, data 02/11/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-02277, data 04/11/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013-02344, data 12/11/2013  
Boletim de ocorrência nº 00140-2013- 02544, data 01/12/2013